

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

JALILE PETZOLD MENDES

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ:

relato de produção de um *show* sob a perspectiva de uma sapatona gorda

PORTO ALEGRE

2024

JALILE PETZOLD MENDES

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ:

relato de produção de um *show* sob a perspectiva de uma sapatona gorda

Projeto de graduação em Música Popular
apresentado ao Departamento de Música do
Instituto de Artes da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em Música

Orientadora: Prof^ª. Dra. Isabel Porto
Nogueira

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Mendes, Jalile
@eujalile - DIZ QUE ME VÊ: relato de produção de um
show sob a perspectiva de uma sapatona gorda / Jalile
Mendes. -- 2024.
108 f.
Orientadora: Isabel Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. Pesquisa Artística. 2. Estudos de gênero e
música. 3. Lesbianidades. 4. Performance. 5. Composição
de canções. I. Nogueira, Isabel, orient. II. Título.

Dedico este trabalho às mulheres da minha
vida, minha mãe Ademilde e minha irmã
Jennifer.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ademilde - que admiro, amo mais que tudo e em quem me espelho - que me incentivou, abriu meus caminhos para a arte e me ama como sou; aos meus irmãos, Jennifer, Marcos e Kimberly por me ensinarem a amar incondicionalmente e pela companhia em bons e maus momentos; ao meu padrasto Daniel, pelo cuidado de sempre e por não desistir de acreditar em mim; ao meu pai Newton, que ainda hoje segue vivo nas lembranças, nos meus traços, nas minhas músicas e arte. Obrigada por serem casa onde posso descansar.

Aos meus amigos e colegas de curso, que foram afago e suporte durante meu trajeto acadêmico: Felipe Vianna, Luiza Hermes, Luan Rosa, Dy Ferranddis, Kelen Pavan, Gustavo Barcellos, Lígia Lazevi, Bruno Cardoso, Fernanda Robin e Gabriela Borba.

À Bandíssima - Antonella Pons, Kevin Brezolin, Thomás Werner e Guilherme Lopes - que acreditaram nos meus sonhos e compõem minha fortaleza. Obrigada por sonharem junto comigo. À equipe que trabalhou para a realização deste trabalho, por despender seu tempo e dedicação: Angelis Lima, Camila Balbueno, Babi Pietoso, Karine Rodrigues, Sara Nina, Nychollas Cardozo, Leon Guterres, Thaís Andrade e Amanda Reis. Ao selo independente Tal & Tal Records, que impulsiona, produz e divulga a cena musical independente porto-alegrense.

Aos meus grandes amigos e ex colegas do Curso Técnico em Música do IFRS Campus Porto Alegre - Cibell Balsamo, Lizana Loch, Isadora Gehres, Lucas Tomasi - por terem impulsionado meu trabalho, por serem lugar onde eu finalmente pude ser quem sou com plenitude e por permanecerem na minha vida, me fazendo feliz a cada reencontro.

À orientadora deste trabalho - Isabel Nogueira - e ao Sônicas, por terem aberto meus olhos sobre questões de gênero, performance e corpo, transformando minha perspectiva sobre mim mesma e minha forma de estar no mundo, pessoal e artisticamente.

Ao ensino público, gratuito e modelo brasileiro, que contribuiu tanto para os diferentes saberes que tive a oportunidade de acessar. Às minhas professoras de ensino fundamental da escola Ensino Pedagógico Arco-íris, que marcaram minha trajetória escolar e que são as responsáveis pela minha forma de perceber a cultura, a sala de aula, os espaços escolar e acadêmico, bem como pelo desenvolvimento da admiração e respeito que tenho aos profissionais da educação. Dito isso, agradeço também aos professores e professoras do curso de Música da UFRGS.

Ao meu avô Ademar, por ter me presenteado com meu primeiro violão. Aos meus tios e primos maternos por acreditarem no meu trabalho e por terem cuidado de mim quando foi preciso. Às minhas tias Arlete e Quinha e aos meus primos Gabriel Augusto e Maria Fernanda - que são como meus irmãos mais velhos - pelos cuidados com meu pai, minha mãe, minha irmã e eu e, ainda, por me proporcionarem acesso aos ensinamentos formais de música e pelos conhecimentos culturais compartilhados.

Amo vocês!

RESUMO

Este trabalho relata os processos de concepção e produção do *show @eujalile - DIZ QUE ME VÊ*, que duraram entre abril e dezembro de 2023. No desenvolvimento deste relato de experiência, pretendo contextualizar a construção da minha identidade artística, a partir dos processos de pesquisa artística atravessados pelos estudos de gênero, corpo, lesbianidades e performance musical. Este texto discorre ainda sobre as motivações que me levaram a decidir pela elaboração de um espetáculo, suas características, as ações artísticas envolvidas e os passos seguidos para divulgação e execução do trabalho. O repertório do espetáculo é formado por canções escritas no período entre 2018 e 2023 - durante minha trajetória no curso de Música Popular - das quais seis já foram lançadas nas plataformas de *streaming*. Trago, ainda, relatos sobre os processos composicionais de cada uma das músicas, bem como sobre as escolhas dos arranjos e das pessoas que trabalharam junto comigo neste projeto.

Palavras-chave: Pesquisa artística, Estudos de gênero e música, Lesbianidades, Performance, Corpo gordo, Composição de Canções

ABSTRACT/RESUMEN/RÉSUMÉ

This study reports the conception and production processes of the show @eujalile - DIZ QUE ME VÊ, which lasted between April and December 2023. In developing this experience report, I intend to contextualize the construction of my artistic identity, from the artistic research processes crossed by studies of gender, body, lesbianism and musical performance. This text also discusses the motivations that led me to decide to create a show, its characteristics, the artistic actions involved and the steps taken to publicize and execute the work. The show's repertoire is made up of songs written between 2018 and 2023 - during my career in Popular Music - from of which six have already been released on streaming platforms. Also, I bring stories about the compositional processes of each of the songs, as well as the choices of arrangements and people who worked with me on this project.

Keywords/Palabras-clave/Mot-clés: Artistic research, Gender and music studies, Lesbianities, Performance, Fat body, Songwriting

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Registro 1 do show - as backing vocals	36
Imagens 2 e 3 - Cartazes de divulgação do show	38
Imagem 4 - Paleta de cores “Outono Quente”	39
imagem 5 - print de setlist com roteiro para iluminação	39
Imagem 6 - Registro 2 do show	40
Imagem 7 e 8 - Registros 3 e 4 do show	40
Imagem 9 - Registro 5 do show	56
Imagem 10 - Registro 4 do show	63
Imagem 11 - Registro 6 do final do show com Bandíssima e as backing vocals	74

SUMÁRIO

1 Quem sou	9
1.1 Casa, onde eu posso descansar	9
1.2 Canções que eu não cantei	11
1.3 Já tirei a minha capa	13
2 A Universidade, a pesquisa em estudos de gênero e o espelho	16
2.1 A Universidade	16
2.2 O Sônicas	17
2.3 A pandemia	19
3 Depois da pandemia - reencontros e novos trabalhos	23
3.1 Primeiros lançamentos	23
3.2 A Bandíssima	24
3.3 Variações de formato e texturas nas performances ao vivo	29
4 Concepção do show	33
4.1 @eujalile - DIZ QUE ME VÊ	33
4.2 As backing vocals	35
5 O show: repertório, arranjos, texturas e atmosferas	41
5.1 Tava na ponta da língua	43
5.2 Demorei pra assumir	45
5.3 Pra me trazer	47
5.4 A gente já tentou	49
5.5 Seu jogo	50
5.6 Ansiosa	52
5.7 Espelho	54
5.8 Falta	56
5.9 Atravessar o rio	58
5.10 Pecado	60
5.11 Trovão metal	62
5.12 Não dá pé	64
5.13 O que que eu faço com isso?	66
5.14 Melhor assim	68
5.15 Bagunça	70
5.16 Ferve	72
6 JALILE TV	74
7 Mesmo com as suas vendas sei que iria me ver	77
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE	79
1. Setlists e roteiros	79
2. Cronograma - ordem do dia	90
3. Cifras das músicas do show	91

tava na ponta da língua	91
demorei pra assumir	92
pra me trazer	93
a gente já tentou	94
seu jogo	95
ansiosa	96
espelho	97
falta	98
atravessar o rio	99
pecado	100
trovão metal	101
não dá pé	102
o que que eu faço com isso?	103
melhor assim	104
bagunça	105
ferve	106

1 QUEM SOU

1.1 CASA, ONDE EU POSSO DESCANSAR

Nasci em Pedra Azul, Minas Gerais e morava numa rua onde minha família tinha muitos vizinhos amigos. Não me lembro de muita coisa, pois saí da cidade com quatro anos, mas além de saber por meio das fotos, me lembro principalmente das festas que aconteciam nas ruas, como as festas juninas e temáticas - com muita música - como a de *Folia de Reis*¹, do *Boi-de-Janeiro*². Essas são as primeiras lembranças relacionadas a música e arte que tenho hoje. Depois me mudei para a cidade de Rio Pardo de Minas, onde comecei a frequentar a escola Ensino Pedagógico Arco-íris e vivi até os 12 anos. Desde então, participei de muitos saraus de poesias, peças teatrais, festas juninas - que são uma tradição muito forte na região do norte de Minas. Naquela época, eu percebia todas as apresentações artísticas como grandes eventos, dos quais a maioria dos alunos participava e os pais iam assistir. Era realmente um movimento grande que a escola fazia, e isso indiscutivelmente estimulou muito minha perspectiva sobre arte como algo grandioso.

Minha prima, Maria Fernanda - ou Feu, que é 15 anos mais velha que eu - tocava piano, e sempre que íamos visitar minha família paterna, meu pai (Newton) tocava esse instrumento que ela tinha em casa. Eu achava o máximo que ele também sabia tocar, e de ouvido. Ele era um homem de 50 e poucos anos - 30 anos mais velho que minha mãe, e eu o considerava muito sábio, talvez pela idade. Para mim, era muito legal que tudo aquilo que ele tinha de conhecimento sobre música era muito intuitivo. Minha prima me ensinava algumas músicas mais fáceis no piano e eu gostava muito de aprender. Feu me levou ao cinema pela primeira vez e conversava muito sobre cultura comigo. Por um tempo, morou com a gente em Rio Pardo de Minas e me mostrou alguns *cds* de trilhas sonoras de novelas e filmes, com músicas de Caetano Veloso. Até então, eu ainda escutava muito as músicas que meu pai ouvia no toca fitas, como *My Way* do Frank Sinatra, sua favorita. Minha

¹ Festa folclórica que acontece em janeiro e homenageia os três reis Magos, que, segundo os escritos bíblicos da Igreja Católica, teriam recebido o aviso do nascimento do menino Jesus - o Messias - e depois ido visitá-lo. O cortejo celebra a jornada dos reis Magos e os foliões percorrem as ruas da cidade desfilando ao som de canções temáticas.

² Figura folclórica dos vales dos rios Jequitinhonha e Mucuri, Nordeste de Minas Gerais, derivada da figura de "Bumba meu boi" ou "Boi Bumbá", festejada nas regiões do Norte e Nordeste do Brasil.

mãe, Ademilde, também me apresentou músicas de artistas como Marisa Monte, Ana Carolina, Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Kid Abelha. Dessa forma, eu já tinha um contato com arte em casa, ouvindo meu pai tocar instrumentos de ouvido, declamando poesias e pintando quadros; com minha mãe e minha prima me apresentando coisas sobre cultura, principalmente nacional; e na escola, com as propostas de realizações artísticas.

Quando eu tinha cinco anos, meu pai foi diagnosticado com câncer no palato, e, para a realização do tratamento da doença, precisamos ir várias vezes, durante alguns anos, até a cidade de Montes Claros, onde minha família paterna morava. Em alguns momentos, tivemos de ficar nessa cidade por meses, e quando isso acontecia, minha irmã e eu estudávamos na escola Ímpar. Foi então, aos sete anos, que comecei a estudar flauta doce e canto coral na escola que estudei durante esse período em Montes Claros. Os inícios dos meus ciclos na música são sempre cheios de carga emocional. Esse primeiro, por exemplo, acompanha a minha história com meu pai, que sempre me aplaudia de pé em cada apresentação que ia. Em 2008, depois de aproximadamente seis anos na luta contra o câncer, ele faleceu. Às vezes me pergunto como ele se sentiria lendo este texto, ouvindo uma canção minha ou conhecendo a mulher que sou hoje. Eu sempre ouvia o quanto sou parecida com ele fisicamente e nas aptidões artísticas. Desde pequena me sinto orgulhosa disso.

Minha mãe também sempre foi uma apreciadora das minhas artes, assim como meus primos - Gabriel e Feu - e minhas tias paternas queridas, tia Lete e tia Quinha, que me matricularam nessa escola onde comecei meus estudos musicais de fato. Depois de voltar para Rio Pardo de Minas, ainda quando eu tinha sete anos, em 2005, minha mãe me inscreveu em um projeto musical da cidade (*Flauta Mágica*) nas turmas de flauta doce e canto coral também. Nesse momento eu comecei a me interessar muito por divisão de vozes e passei a identificar isso nas músicas *gospel*³ e sertanejas, principalmente. Depois do falecimento do meu pai, em 2008, minha mãe conheceu meu padrasto pela *internet*, no Bate Papo Uol⁴. Sim! Acredite se quiser. Alguns meses depois, minha mãe, minha irmã Jennifer e eu nos mudamos para zona norte de Porto Alegre, para morar com meu padrasto (Daniel). A partir

³ Estilo musical que se originou da cultura afro americana. O formato da performance costumava ter coro, banda e um solista. Atualmente no Brasil, todas as músicas com temática cristã são consideradas *gospel*.

⁴ Bate Papo Uol é uma plataforma que oferece serviço de conversas *online*, com salas de variados temas, como por exemplo amizade, namoro e religião.

desse período, comecei a frequentar a igreja que a família do meu padrasto frequentava, onde comecei, de forma autônoma, a tocar instrumentos como violão, baixo e teclado e, conseqüentemente, a compor.

1.2 CANÇÕES QUE EU NÃO CANTEI

Em 2010 se iniciou meu segundo ciclo na música, em que eu fazia apresentações musicais em uma igreja evangélica, ou seja, participando das bandas que tocavam nos ritos. Minha participação nas bandas incluía tocar violão, teclado, baixo, e, às vezes, cantar. Além disso, eu contribuía no desenvolvimento de arranjos instrumentais e vocais. Acredito que esse período, embora emocionalmente conturbado, foi essencial para que hoje eu esteja fazendo este trabalho, que envolve produzir um **show** com uma série de canções que compus durante a graduação de Música Popular.

Nessa época também comecei a compor. Entre 2010 e 2015 escrevi 113 composições, mas assim que parei de frequentar a igreja, joguei no lixo as folhas de papel com as canções escritas. Me lembro de apenas algumas delas, mas sei que a maioria das músicas falava sobre o quanto eu precisava abrir mão de quem eu era, sobre arrependimento, pedidos de perdão e uma angústia que não cessava. No início eu não tinha certeza da minha sexualidade, mas aos 14 anos, em 2011, depois de me apaixonar e ter minha primeira relação afetiva com outra menina, esses sentimentos se intensificaram. Hoje eu digo rindo que fiz um tratamento de *cura gay*⁵, mas foi doloroso ter vivido essa experiência, que tinha como intuito apagar o que eu sentia e era. Não adiantou, obviamente. Apenas fui acumulando travas, podando meus comportamentos, tentando evitar o que eu pensava e escondendo minha identidade. Eu já vivia com ansiedade e sentimentos depressivos, mas a saúde mental era negligenciada naquele contexto religioso que eu estava inserida. Para toda angústia e qualquer sentimento negativo, até mesmo doenças

⁵ O termo “cura gay” é destinado ao tratamento de conversão sexual, que parte do conservadorismo cristão, com o intuito de repatologizar a homossexualidade e toda sexualidade não heterossexual, bem como as identidades transexuais. A homossexualidade foi removida da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) pela Organização Mundial da Saúde em 1980, deixando de ser considerada uma doença há mais de 30 anos.

psicológicas que eu e qualquer pessoa pudéssemos ter, só existia uma resposta: a distância entre aquele deus específico e a gente.

Consegui contar para minha mãe que sou lésbica⁶ aos 15 anos, quando os pais da menina que eu estava apaixonada descobriram sobre nossa relação. Decidi contar para minha mãe o que estava acontecendo e mais uma vez ela me abraçou, disse que me amava e que eu não precisava estar em lugares ou com pessoas que eu não me sentisse livre para ser quem sou. Esse momento foi meu respiro. Porque apesar de tudo, saber que eu era aceita por minha mãe bastava. Percebo hoje como essa mulher me incentivou e foi meu suporte em todos os momentos que precisei fazer grandes escolhas ou revelações.

Depois de sair do ensino médio (2013), ingressei no curso de Direito no IPA Metodista⁷, com 50% de bolsa do Prouni⁸. Pensei muito em fazer o curso de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase em regência, porque estava muito interessada em arranjos vocais, mas achei muito difícil a prova, pelo que li no edital. Minha mãe, que é assistente social do IFRS⁹ Campus Alvorada, me inscreveu no Curso Técnico em Instrumento Musical¹⁰ do IFRS Campus Porto Alegre, com ênfase em violão. Fiz a prova prática e fui aprovada, mas tinha um pequeno erro na inscrição. No ano seguinte me inscrevi de novo e ingressei no curso (2016), mas com ênfase em flauta doce, porque eu tinha mais facilidade em executar na flauta doce as melodias escritas em uma partitura. Pouco tempo antes disso, eu tinha me desvinculado da igreja e, depois de jogar as músicas fora, fiquei um ano e alguns meses sem compor - chamo esse período de pós *gospel*.

O curso técnico em Música no IFRS foi um divisor de águas na minha vida. Finalmente eu me sentia confortável em um ambiente acadêmico/escolar, com pessoas com quem eu me identificava de verdade, onde eu podia ser a sapatona¹¹ que eu era. Foi incrível, mesmo vivendo a fase de cronograma mais lotado da minha

⁶ Lésbica é o nome que se dá à sexualidade de mulheres que, exclusivamente, se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres.

⁷ IPA Centro Universitário Metodista.

⁸ Programa Universidade para Todos que oferece bolsas integrais e parciais em instituições de ensino superior.

⁹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

¹⁰ O Curso Técnico em Instrumento Musical atualmente oferece as ênfases em violão, flauta doce, flauta transversal e teclado, nas categorias concomitante e subsequente ao ensino médio.

¹¹ Sapatona é uma gíria utilizada para se referir às mulheres sáficas que não performam feminilidade ou elementos associados à lesbianidade. Antigamente esse era um termo ofensivo, mas no decorrer do tempo, a comunidade lésbica foi se apropriando da palavra como uma forma de ressignificar o conceito.

vida até hoje: eu cursava Direito pela manhã, fazia o estágio em um escritório de advocacia trabalhista de tarde e de noite ia pro IFRS. Fiz parte de um grupo de amigos que foram fundamentais pro meu início de carreira (2017), com quem fiz algumas produções das quais falarei no decorrer do texto. O grupo era formado por Cibél Balsamo¹², Isadora Gehres¹³, Lizana Loch¹⁴, Lucas Tomasi¹⁵ e eu. Cibél foi a responsável pelo primeiro fonograma de uma canção minha em 2017. Ela me convidou para gravar a música chamada *Mares*¹⁶, em Cachoeirinha (RS) no estúdio *Soluções Sonoras*¹⁷ do cunhado dela, o Lula. Foi meu primeiro contato com estúdio na vida e eu adorei os processos de pré-produção, produção e gravação. Gravamos tudo numa noite: Cibél tocou as linhas de flauta, eu fiz o violão e as vozes, e o Lula fez percussões e os instrumentos virtuais, além da captação de áudio, mixagem e masterização. Meus professores do curso no IFRS eram formados pela UFRGS e Cibél, Lizana e Isadora estavam se preparando para o vestibular de música da mesma. Foi aí que entendi que eu também poderia ser musicista profissional e que poderia, sim, fazer o vestibular do curso.

1.3 JÁ TIREI A MINHA CAPA

A grande questão de mudar do curso de Direito para o curso de Música era contar pros meus pais. O que deixou minha família receosa foi o fato de eu já estar no sétimo semestre do curso de Direito e agora querer tentar ingressar num curso novo, sem certeza de que eu conseguiria. Para mim isso era só um detalhe. Meu nervosismo era por ter que enfrentar de novo um vestibular e ter que lidar com todas as provas que o curso exige. Minha mãe me deu um voto de confiança e acreditou em mim, como sempre fez. E ainda bem que eu tinha minhas amigas, colegas e os professores do curso técnico que me incentivaram. Minha professora de flauta doce do curso, Aline Güntzel¹⁸, tirou muitas dúvidas que eu tinha a respeito do curso de Música da UFRGS. Primeiro eu queria fazer Regência ou Composição, mas ela me

¹² Cibél Balsamo é técnica em Flauta Doce e Flauta Transversa pelo IFRS e Graduanda em Flauta Doce pela UFRGS.

¹³ Isadora Gehres é técnica em Flauta Doce pelo IFRS e graduanda em Violoncelo pela UFRGS.

¹⁴ Lizana Loch é técnica em Flauta Doce pelo IFRS e violinista.

¹⁵ Lucas Tomasi é técnico em Flauta Doce pelo IFRS.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=M-ChfEUub5w>

¹⁷ <https://www.solucoessonoras.com.br/>

¹⁸ Aline Güntzel é graduada em Música com ênfase em Flauta Doce pela UFRGS e mestre em Música pela Hochschule für Musik em Stuttgart (Alemanha).

explicou sobre os cursos e me falou mais sobre a ênfase em Música Popular, que se enquadrava melhor no que eu estava buscando. Depois ela me orientou sobre a prova específica e estudou comigo o repertório da prova prática - que foram *João e Maria* do Chico Buarque e *Quebra-Queixo* do Celso Machado - tocado na flauta doce.

Em dezembro de 2017, depois de ser aprovada na prova prática do curso de Música Popular e antes do vestibular geral, realizei meu projeto final do curso técnico, que foi um *show* chamado *Coleção*¹⁹, composto por músicas minhas, que escrevi depois do intervalo pós *gospel* (que durou entre 2014 e 2015). Era a primeira vez que eu estava mostrando minhas músicas para tantas pessoas, a primeira vez que eu produzi um *show*. As canções falavam sobre auto estima, amizade e também sobre amor, mas de uma forma muito tímida. Reassistindo aos registros hoje, lembro de como eu estava nervosa. Vejo como minha performance se transformou durante esses anos, principalmente hoje, depois de ter acessado e refletido a respeito das questões de gênero no âmbito da música. Me sinto mais segura no palco e considero minhas composições atuais mais parecidas com o que costumo ouvir de fato. Isso me motiva a trabalhar mais uma vez com as produções de um *show* dessas músicas que hoje fazem mais sentido para mim. Para exemplificar as diferenças entre a escrita das letras daquele período e a escrita das letras mais atuais, trago trechos de duas canções que falo de romance, uma composta em 2016 e outra composta em 2021:

Turista (2016)

*“Aprender o seu idioma
me comunicar além do olhar
ouvir os dialetos
de cada região sua”*

Demorei pra assumir (2021)

*“Demorei pra assumir que eu sinto sua falta
não sei o que se passa aí, o que se passa aí?
eu não sei*

¹⁹ Links para assistir ao registro da música *Espelho* no *show Coleção*: <https://youtu.be/ZJtmhtNYja0>

*Não queria fazer mais uma música pra você
mas eu fiz
não queria assumir que sim
sinto tua falta, mas digo 'não'
não quero mais te ver”*

Na música *Turista*, eu utilizo metáforas que se referem à pessoa que eu me relaciono como um país, que no decorrer do tempo vou conhecendo o corpo, os gostos, a personalidade. Em **Demorei pra assumir**, eu falo dos meus sentimentos de forma mais literal. Os instrumentos musicais utilizados para executar o arranjo de *Turista* no trabalho de conclusão do curso técnico em Música no IFRS foram violão, voz, piano, bateria, flauta doce e violino. Enquanto isso, os instrumentos musicais que compõem os arranjos do fonograma de **Demorei pra assumir** e dos *shows* com banda que realizo são guitarra, baixo, bateria, teclado e vozes. Digo isso, pois as músicas se diferem não somente no desenvolvimento das letras, mas na composição da estética e das texturas sonoras de cada uma delas. Por fim, tenho muito carinho pelo *show Coleção*, pois tiveram participações dos amigos Cibele Balsamo, Isadora Gehres, Lizana Loch, Lucas Tomasi, Juliano Cavalcante²⁰, Áudrea Martins²¹ e Pablo Lanzoni²². Me emocionei e fiquei muitos dias extasiada com aquela experiência. O *show* foi gravado também pela produtora *Soluções Sonoras*.

²⁰ Técnico em Violão pelo IFRS.

²¹ Docente de Música e Artes no curso Técnico em Instrumento Musical do IFRS e do Projeto Prelúdio.

²² Docente de Música e Artes no curso Técnico em Instrumento Musical do IFRS e do Projeto Prelúdio.

2 A UNIVERSIDADE, A PESQUISA EM ESTUDOS DE GÊNERO E O ESPELHO

2.1 A UNIVERSIDADE

Quando finalmente ingressei no curso de Música Popular da UFRGS, aos poucos passei a confiar mais em mim e no que eu era capaz de fazer artisticamente. No decorrer do ano de 2018 fui ocupando espaços, tocando violão e cantando em bares duas ou três vezes por mês, dando aulas de violão, ukulele e flauta doce, conseguindo finalmente ter retorno financeiro, por exemplo. Nesse período, eu namorei uma mulher pela primeira vez e me senti à vontade para exercer minha identidade lésbica com plenitude, e ainda finalmente compor canções sobre amar ou sofrer de amor, sem receio ou vergonha. Nessa fase também tive coragem de cantar sobre como eu me sentia a respeito dos resquícios emocionais que existiam ainda do período do contexto religioso, sobre a luta contra a lesbofobia e sobre saúde mental.

Me lembro do dia da matrícula que eu fiquei ansiosa, mas muito animada para conseguir me matricular na disciplina de Prática Musical Coletiva I com a Isabel Nogueira²³, orientadora deste trabalho e do grupo de pesquisa *Sônicas - Gênero, Corpo e Música*²⁴, do qual fui bolsista durante quase todo o curso. Conheci a Isabel numa palestra sobre gênero e música que ela ministrou na semana acadêmica do curso de música do IFRS em 2017. Achei o tema da palestra e o trabalho da professora muito interessantes. Depois assisti aos *shows* do *Sonora Festival de Compositoras 2017*²⁵ e fiquei mais animada ainda para ingressar no curso. Nesse momento eu já tinha muito interesse em fazer pelo menos uma disciplina com a Isabel, por me identificar com os temas que ela propunha e pela curiosidade a respeito das novas perspectivas sobre música que ela tinha nos apresentado.

A primeira aula de Prática Musical Coletiva foi uma junção das duas turmas que ocupavam as salas do Estúdio Soma nas manhãs de quinta-feira daquele semestre. Na segunda aula, conversamos sobre a disciplina e a professora Isabel já falou para irmos pensando sobre o trabalho de conclusão do curso, porque o tempo passaria rápido demais. Eu segui as orientações e já pensei que queria produzir um **show**. Outras coisas que aconteceram, foram apresentações de composições feitas

²³ <https://isabelnogueira.com.br/>

²⁴ <https://www.ufrgs.br/sonicas/>

²⁵ <http://sonorafestival.com/sonora2020/>

pelos integrantes da turma. Decidimos, então, desenvolver um arranjo para a canção que eu apresentei, chamada *Quebra-cabeça*. Foi na Prática Musical Coletiva I, em 2018, que eu formei amizade com os primeiros amigos da faculdade: Felipe Vianna²⁶, Kelen Pavan²⁷ e Lígia Lazevi²⁸ e onde pude apresentar minhas criações e projetos artísticos pela primeira vez no curso. Além disso, foi em uma dessas aulas que eu contei para a Isabel sobre meu interesse no *Sônicas*, e recebi o convite para participar das reuniões do Grupo.

2.2 O SÔNICAS

As reuniões do grupo de pesquisa *Sônicas* eram realizadas nas manhãs de sexta-feira quando comecei a frequentar. Nós realizávamos leituras, reflexões e discussões a respeito de gênero, música e performance, e me lembro que uma das primeiras reflexões foi sobre as áreas de atuação das mulheres na música. Lucy Green (2001), por exemplo, nos mostra como se deu historicamente a estruturação dos papéis de gênero nas práticas musicais, que deliberadamente atendiam à manutenção dos papéis das mulheres em torno da sedução, do casamento, dos filhos, do trabalho doméstico. A manutenção desses papéis desencoraja mulheres a tocar instrumentos, compor, produzir, lidar com tecnologia, ou seja, a desempenhar papéis que interrompem padrões de feminilidade patriarcais, enquanto é incentivada a atuação como cantoras intérpretes, professoras e pianistas - por ser o piano um instrumento doméstico (GREEN, 2001). Foi aí que entendi com mais lucidez como o fato de eu ser mulher cis²⁹, lésbica, gorda influenciava no meu fazer musical, assim como influenciava a leitura das pessoas a respeito da minha performance e os lugares que eu tinha ocupado como artista até então. Esse entendimento se associa também ao texto em que Leidiane da Silva e Ismael Magalhães falam sobre poéticas do corpo gordo, do qual apresento o seguinte trecho:

²⁶ Felipe Vianna atarista graduado em Música Popular.

²⁷ Kelen Pavan é cantora, compositora e multi instrumentista graduada em Música Popular.

²⁸ Lígia Lazevi é cantora, compositora e multi instrumentista graduada em Música Popular.

²⁹ Pessoas que se identificam com o gênero designado no nascimento.

Para o filósofo Maurice Merleau Ponty (1908 - 1961) o corpo ou “casa” não é definido pela soma de suas características objetivas, mas pela quantidade de olhares sobre ela e também pela qualidade desses olhares sobre a mesma. Tal entendimento faz alusão aos tipos de corpos, por exemplo, como eles são interpretados e vistos pela sociedade. As limitações impostas pela sociedade sobre os tipos de corpos e também pelo uso deles já é discutido há séculos, podemos observá-las nas publicações do sociólogo Marcel Mauss (1872 – 1950), que elabora reflexões acerca do corpo e da corporeidade, que apesar de serem oriundas tornam-se sempre atuais, dados os desafios e tabus acerca da espontaneidade, vontade e forma de cada um em ser e estar no mundo de acordo com sua aceitação no meio social. (PEREIRA, MAGALHÃES, p. 51, 2021)

Meu primeiro trabalho como bolsista do *Sônicas* foi fazendo parte da equipe de produção do *Sonora Festival de Compositoras 2018* - realizado na casa de *shows Agulha* - em que também participei como uma das artistas do *line-up*. Me apresentei no festival com a banda que eu tinha na época, chamada *Bemmequer*, com Cibele Balsamo tocando flauta doce e Felipe Vianna tocando percussão. Depois disso, no início de 2019, me tornei bolsista de pesquisa do projeto *Mulheres Compositoras de Porto Alegre: Acessibilidade e Divulgação da Produção*. Tendo em vista que sou compositora atuante em Porto Alegre, minhas produções e performances passaram a ser meu próprio objeto de pesquisa.

Em 2021, participei do SIC 2021 apresentando o trabalho *irá-som: experimentações sonoras em miniaturas*³⁰, que foi o primeiro relato de experiência de criação sonora e produção musical, em que descrevi os processos criativos do EP *irá-som*, que conta com seis músicas curtas que fiz durante o início dos meus estudos de produção musical. Em 2022, também apresentei um relato dos processos criativos de uma música chamada *jalile.fm*, que se trata de uma música feita com sampleagem de algumas das músicas que considero *hits*, composta para uma atividade da disciplina de Prática Musical Coletiva. A ideia era que cada um da turma criasse uma *playlist* de músicas que percebesse como grandes sucessos, e, a partir dessa lista, compusesse uma nova música. Na produção desses projetos e na escrita dos relatos de experiência, fui percebendo meus métodos de trabalho, como gosto mais de fazer as coisas e o que não gosto tanto assim. O exercício de desenvolver e perceber nossos próprios métodos de trabalho como parte importante do processo se dá sob a compreensão da pesquisa artística adotada pelo *Sônicas*. Com essa vivência e entendimento em conjunto com o grupo de pesquisa, fui expandindo minha atenção às etapas dos processos e desenvolvendo um prazer em

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=dgFG7mFnRTY&t=13s>

descrevê-las, o que também acabou estimulando minha criatividade, e consequentemente aumentando a vontade de desenvolver este projeto.

Ter feito parte do *Sônicas* foi impulsionador. Para mim, foram muito importantes os laços construídos entre nós integrantes do grupo, de forma que além de colegas, nos tornamos amigas (Antonella Pons³¹, Dy Ferranddis³², Fernanda Robin³³, GARBI³⁴). As reuniões eram espaço para discussões acadêmicas, mas também de escuta, afeto, compartilhamento de criações e rede de apoio a qual recorreremos ainda hoje. Ao falar disso, trago um trecho do meu trabalho *Sônicas no Instagram: construção de identidade e discursos de mulheres compositoras de Porto Alegre em live-entrevistas*, com o qual faço uma relação entre o que disse anteriormente e o texto “Where Is She? Finding the Women in Electronic Music Culture” de Freida Abtan:

Nesta pesquisa, observo algumas construções de narrativa recorrentes, entre elas: buscar referências de outras mulheres na música e recorrer a uma rede de apoio, que inspire positivamente e dê potência aos processos criativos. Estes elementos concordam com a ideia de que para envolver mais mulheres na música é importante construir, com outras mulheres, um espaço de compartilhamento de habilidades e contatos (ABTAN, 2016). Como bolsista de pesquisa e compositora, considero que esta pesquisa me incentivou a compartilhar mais minhas criações, influenciou positivamente minha escuta, pelo conhecimento de produções musicais realizadas por mulheres, além de fornecer ferramentas para propor discussões sobre estudos de gênero. (MENDES, 2020)

2.3 A PANDEMIA

No início da pandemia por *Covid-19* não tínhamos mais acesso aos estúdios Soma - que eram utilizados para realização das aulas práticas do Curso de Música Popular da UFRGS - nem podíamos ver pessoalmente nossos colegas do curso para realizar práticas musicais, já que as aulas da faculdade estavam paralisadas. Me vi ociosa e decidi explorar os *softwares* de gravação que eu tinha baixado havia uns meses no único computador que tínhamos em casa. Ainda não tinha mexido muito naqueles programas. Eu só tinha usado o *Reaper* nas aulas da disciplina de Música e suas tecnologias, ministrada no curso de Instrumento Musical do IFRS.

³¹ Antonella Pons é baixista, cantora, compositora, pianista e pesquisadora graduanda em Música Popular.

³² Dy Ferranddis é baixista graduanda em Música Popular.

³³ Fernanda Robin é Drag Queen, cantora e compositora graduanda em Música Popular.

³⁴ GARBI é cantora, compositor e *videomaker* graduanda em Música Popular.

Depois usei o *software Studio One Prime* para fazer algumas sampleagens usando áudios que recebi de algumas amigas, por ter achado engraçados. No mês de abril sempre acontece o desafio *30 dias 30 beats*³⁵ no *Instagram*, e em 2020 foi a primeira vez que me desafiei a compor um *beat* por dia durante um mês. Seria um período de estudo para mim, pensei que seria muito enriquecedor. Não fiz os trinta *beats*, mas foi o suficiente para eu me interessar em estudar mais as ferramentas do *Studio One*, usando o computador como um meio de composição e criação de arranjos e começar a registrar minhas músicas.

Para gravar as vozes de algumas produções, eu utilizei meu celular da época (um *Moto G7 Plus*), depois testei gravar no meu pedal de loop (*Amoon Pock Loop*), plugando meu microfone direcional da *Samson (Q7)* e transferindo o áudio via *USB* pro computador. Deu muito certo! O áudio sai bem limpo - sem muitos ruídos extras - e nítido, como se estivesse plugado em uma interface de áudio. Aos poucos, durante o período pandêmico, com a ajuda financeira dos meus pais, fui adquirindo mais equipamentos e construindo um modesto estúdio caseiro, com um notebook *Acer*, uma interface de áudio *Behringer U-PHORIA UMC204HD*, um *headphone AKG K72* e um controlador midi *M-AUDIO OXYGEN 25*. Esses equipamentos estão sendo usados atualmente para a produção do álbum com músicas que fazem parte do repertório do **show**.

Além das preocupações com o aspecto financeiro para a produção fonográfica das minhas músicas, algumas questões de auto estima com relação ao meu corpo gordo lésbico não feminilizado me desmotivavam quando se tratava de performance. No decorrer do desenvolvimento da minha identidade artística, eu procurei referências de artistas mulheres parecidas comigo que atuassem na MPB ou no Pop, e não encontrei muitas. Percebo como a imagem de mulheres gordas na indústria da música acabam sendo moldadas para caber no estereótipo de feminilidade e geralmente as mulheres fora do padrão de feminilidade que estão em evidência, são magras. Embora eu tenha encontrado poucas artistas da música brasileira com que me identifico mais fisicamente, acredito que seja relevante nomeá-las, para divulgar a produção feita por elas, a quem quiser conhecer, bem como para que outras pessoas que se identificam, possam se sentir representadas e

³⁵ *30 dias 30 beats* é um projeto que acontece anualmente no mês de abril, em que produtores postam nas redes sociais um *beat* por dia durante todo o mês, utilizando a *hashtag* na descrição da postagem.

inspiradas. Algumas artistas com quem me identifico de alguma forma nos quesitos de performance são Jordana Henriques³⁶ (RS), BUDAH³⁷ (ES), Maíra Garrido³⁸ (RJ), MC Tha³⁹ (SP), Kynnie⁴⁰(RJ).

No período da pandemia, embora a maioria das pessoas estivesse nas redes sociais, geralmente postando as melhores partes do dia, tirando foto e gravando vídeos dos melhores ângulos, o meu parâmetro estético visual parecia não se relacionar mais com outras pessoas. Por ter a estrutura facial mais arredondada, eu usava meu cabelo no máximo até a altura do pescoço, com intuito de esconder o formato do meu rosto. Além disso, me vi apegada às convenções sociais que indicam que os cabelos compridos em mulheres são um símbolo de feminilidade e sensualidade. Então, no contexto do isolamento social, decidi cortar meu cabelo para testar como eu me sentiria. Por fim, gostei muito e comecei a notar e apreciar detalhes do meu rosto que antes eu não percebia como belo. Repensei também as roupas que eu costumava usar - não fico mais receosa em utilizar itens do departamento masculino das lojas nem de escolher usar roupas que possam supostamente não vestir bem o meu corpo gordo. Nesse momento eu entendi melhor como eu queria me expressar por meio do estilo. Foi no isolamento social que, olhando para mim e percebendo como estava me tornando, pessoal, física e artisticamente a jovem adulta que a Jalile de 12 anos acharia incrível, minha perspectiva sobre mim mesma passou a ser mais carinhosa. Embora pareçam questões superficiais, os pequenos processos de entender e buscar as melhores formas de me expressar por meio do cabelo e das roupas foram essenciais para a construção da minha identidade artística. Foi no período do isolamento que eu comecei a pensar na estética da mulher gorda sapatona não feminilizada ocupando espaços de liderança na arte e na música, por meio dos meus trabalhos artísticos, na performance, nas letras e na sonoridade do meu trabalho. Com relação a isso, cito novamente um trecho do texto de Leidiane da Silva e Ismael Magalhães, o qual reflete acerca da gordofobia e o olhar da mulher gorda sobre seu próprio corpo:

Muitas mulheres vivem à procura de um corpo perfeito, quando o certo é que essas mulheres precisam se aceitar, trabalhar a autoestima, se amar,

³⁶ <https://www.instagram.com/jhcantora/>

³⁷ <https://www.instagram.com/budah/>

³⁸ <https://www.youtube.com/channel/UCukrG27kctANoMeeWbAyqeQ>

³⁹ <https://www.instagram.com/mcthaa/>

⁴⁰ <https://www.instagram.com/kynnieoficial/>

ter-se o respeito consigo mesma, olhar-se mais no espelho afirmando que seu corpo é perfeito do jeito que é e examinando não os seus defeitos, mas as suas qualidades. Diante desse entendimento, percebo que não é apenas a gordofobia dos olhares alheios que precisa ser combatida, mas principalmente a gordofobia do olhar da própria mulher gorda sobre o corpo gordo. (PEREIRA, MAGALHÃES, p. 57, 2021)

Ouvir e ler relatos feitos por pessoas que afirmam sentir as mesmas inseguranças que eu, com relação a peso e tamanho, faz com que eu me sinta menos solitária, mais precisamente quando são relatos de mulheres atuantes em áreas da arte e performance. Sempre penso neste trabalho como algo que eu gostaria de ter lido assim que comecei a compor, pois talvez eu não levasse muitos anos até me aceitar com mais amor e me sentir segura o suficiente para performar em um palco sem receios e ansiedades sobre meu corpo. Embora seja um assunto em que me coloco um pouco vulnerável, acredito que a decisão de trazer reflexões sobre minha constituição física e performances de gênero neste texto tem muita importância, por influenciar diretamente minha visão sobre mim mesma e a leitura das pessoas a meu respeito, o que consequentemente transpassa meu fazer artístico. É fundamental que nós mulheres artistas gordas e lésbicas não feminilizadas busquemos nos olhar com carinho e aceitação diante do espelho; e que ainda sigamos em coletivo, com forças somadas - mesmo com a de pessoas diferentes de nós - na busca de romper as estruturas da sociedade patriarcal gordofóbica e lesbofóbica que vivemos. A ideia é ser um corpo político que, em coletivo com outros corpos, construa, desenvolva e consolide espaços seguros, saudáveis e incluídos para existir e estar no mundo (SILVA e MAGALHÃES 2021). Por isso me proponho a discorrer um pouco sobre minha perspectiva quanto a esse tema, também como forma de contextualizar como tem sido construída minha identidade artística.

3 DEPOIS DA PANDEMIA - REENCONTROS E NOVOS TRABALHOS

3.1 PRIMEIROS LANÇAMENTOS

Aos poucos, no final de 2021, os eventos culturais começaram a acontecer novamente. As pessoas ainda precisavam usar máscaras para acessar estabelecimentos ou espaços junto com outras pessoas e muitos eventos ainda aconteciam *online*. Digo isso, para apresentar o contexto dos primeiros lançamentos das minhas músicas nas plataformas de *streaming* e minha volta aos palcos. O primeiro lançamento foi da música **Tava na ponta da língua**⁴¹, que faz parte da coletânea *Mapa Astral Vol.4 :: Ar*, pela *Tal & Tal Records*⁴², lançada em outubro de 2021. A segunda música foi **Demorei pra assumir**⁴³, pela *LoopDiscos*⁴⁴, lançada em novembro do mesmo ano.

A *Tal & Tal Records* é uma produtora/selo independente, situada em Porto Alegre/RS, criada em 2016 por Kevin Brezolin - de quem falarei melhor mais adiante no texto. Nos anos entre 2020 e 2021, o selo desenvolveu o projeto *Coletâneas Mapa Astral*, que possui quatro volumes: *Mapa Astral Vol.1 :: Fogo*, *Mapa Astral Vol.2 :: Água*, *Mapa Astral Vol. 3 :: Terra* e *Mapa Astral Vol.4 :: Ar*. Para cada coletânea, foi lançado um edital em que artistas inscreveram músicas produzidas em estúdios caseiros e enviaram seu mapa astral, para que fosse avaliado se os aspectos do mapa tinham a ver com o elemento tema da respectiva coletânea. As músicas selecionadas seriam lançadas de forma gratuita. Por ter o signo solar em libra, decidi esperar para me inscrever na coletânea do elemento ar (*Mapa Astral vol.4 :: Ar*) - por ser libra um signo desse elemento. Além de ser responsável por um dos primeiros lançamentos de uma canção minha, a *Tal & Tal Records* produziu alguns dos meus *shows* desde 2021 e foi parceira e apoiadora deste projeto: os ensaios para o espetáculo foram realizados na sede da produtora, que também forneceu os equipamentos de sonorização para o evento.

O primeiro *show* de canções minhas realizado depois do período de isolamento pela pandemia foi na Feira do Livro de Porto Alegre 2021, junto com outros artistas que participaram de outros volumes da coletânea *Mapa Astral*. O

⁴¹ <https://youtu.be/fCk-RYbDzms?si=bFQ0kDjsNWwwwoAY>

⁴² <https://taletalrecords.com/>

⁴³ <https://youtu.be/irp6bSS4sNY?si=FdOYyMtESV-pCl2y>

⁴⁴ <https://www.loopreclame.com.br/>

formato da banda foi Antonella Pons no baixo, Kevin Brezolin na guitarra, Guilherme Lopes na bateria e eu fazendo voz e guitarra. Esses dois eventos demarcaram mais ainda o que se tornaria o conceito artístico deste trabalho, me levando pelo caminho que me trouxe até aqui. Em paralelo a produção dessa apresentação, que envolvia ensaio com uma banda nova - que ainda não conhecia o repertório por completo - eu estava passando pela fase de divulgação do lançamento de **Demorei pra assumir**.

Em setembro de 2021 aconteceu o *ISOLAMENTO MUSIC LAB 2021*, que se trata de um festival de composição de músicas feitas por artistas e bandas do Rio Grande do Sul, produzido pela *LoopDiscos* e patrocinado pela Dado Bier⁴⁵. Para a primeira etapa, cada artista ou banda enviou um vídeo sem edições, performando sua composição, para que fossem selecionados vinte artistas. Os selecionados participaram, durante uma semana, de *workshops* de mentorias *online*, relacionados a *music business*, como Estratégia digital, Direito Autoral, Assessoria de Imprensa, Importância de um Label e Produção Musical. Para a segunda etapa, os vinte selecionados enviaram um vídeo diferente com a mesma música ou outra música de sua autoria, adicionando elementos relacionados com o que foi ministrado nas mentorias. No meu primeiro vídeo, toquei guitarra e cantei **Demorei pra assumir**, e o áudio foi captado direto pelo microfone do celular; para o segundo audiovisual, produzi uma base com guitarra e beats da mesma música e gravei um vídeo cantando no microfone direcional *Samson* enquanto a base tocava, e depois sincronizei o áudio produzido e a gravação da imagem. Fui uma das quatro vencedoras, e os prêmios finais foram as produções e os lançamentos de um fonograma e um videoclipe da música; um álbum de fotos; um plano de mídia; assessoria de imprensa para aquele lançamento específico e 2,5 mil reais em cachê. No capítulo referente à produção do *show* falarei dos processos composicionais de **Demorei pra assumir** e **Tava na ponta da língua** com mais detalhes.

3.2 A BANDÍSSIMA

Desde que finalizei o curso técnico em Música no IFRS (2017) e que ingressei na UFRGS (2018), conheci muitas pessoas que trabalham com música. A partir disso, várias pessoas começaram a me chamar para fazer participações em seus

⁴⁵ Cervejaria gaúcha independente.

shows, cantando minhas composições e tocando violão. A primeira pessoa que fez esse movimento foi Lila Borges⁴⁶, depois, Lígia Lazevi, Thaís Nascimento⁴⁷, banda Trio das Três⁴⁸. Cada uma dessas pessoas e cada participação que eu fazia me impulsionaram e me tornaram um pouco mais confiante sobre meu trabalho. No mesmo ano, me inscrevi no *Sonora Festival de Compositoras* em 2018, sobre o qual já comentei anteriormente.

Foi nesse evento que eu conheci o Kevin Brezolin, guitarrista, *beatmaker*, ator, diretor, iluminador e produtor cultural. Ele estava fazendo a iluminação dos *shows* naquele dia no Agulha e antes de eu me apresentar, me perguntou que cores de luz eu gostaria que ele usasse durante minha performance. Depois, toda vez que me via na rua, ele descia da *bike* e me cumprimentava abraçando, muitíssimo simpático - eu achava bem estranho e curioso isso, porque a gente só tinha se visto uma vez. A gente também se seguiu no *Instagram*, não lembro exatamente quando.

Kevin é um dos fundadores e idealizadores do selo independente de música feita em casa *Tal & Tal Records* e das coletâneas *Mapa Astral*. Ele vivia me enviando mensagem perguntando quando eu iria inscrever minha música nos editais do selo. Quando enviei minha música, ele já veio dar o alô, dizendo que queria colaborar comigo na produção do que ainda faltava em **Tava na ponta da língua**. Nesse momento percebi o quanto ele *botava fé* no meu trabalho. Durante esse processo a gente foi se falando, trocando ideias sobre produção, sobre a vida e viramos amigos.

Ainda em 2021, foi lançado o edital do projeto Circuito Orelhas⁴⁹, e eu queria muito me inscrever. Mas eu não tinha uma banda disponível para tocar comigo. Até que Kevin me perguntou se eu gostaria que ele fizesse parte da minha banda e que tinha um amigo baterista - o Guilherme Lopes - para participar também, porque ele já sabia que o Gui saberia executar os *beats* de **Tava na ponta da língua**. Eu topei e decidi chamar a Antonella Pons para participar da banda tocando baixo. Paralelo a isso, surgiu a possibilidade de fazermos uma apresentação na Feira do Livro. Não passamos no processo seletivo do Circuito Orelhas, mas começamos a ensaiar pro *pocket show* que aconteceria na Feira.

⁴⁶ Lila Borges é cantora, compositora e multi instrumentista.

⁴⁷ Thaís Nascimento é violonista, professora e pesquisadora.

⁴⁸ Trio das Três é uma banda formada por três mulheres: Áudrea Martins, Suelena Borges e Cissa Laval.

⁴⁹ <https://www.circuitoorelhas.com.br/>

Guilherme Lopes é baterista e compositor. Minha relação com o Gui tem sido construída aos poucos desde que começamos a tocar juntos. Não temos muita convivência fora dos eventos com a banda, nem trocamos muitas mensagens nas redes sociais. Mas sinto e sei - pelo que ele diz e faz - que ele acredita muito no meu trabalho e se disponibiliza a estudar e tocar as músicas com muito afinco. Fizemos três apresentações no formato duo, com voz, violão e bateria desde então: uma no 989 Bar, localizado na zona norte de Porto Alegre, uma numa edição do Brick Desapegos e outra em um evento de celebração do mês do Orgulho LGBTQIAP+ no IFRS Alvorada. Esses momentos foram importantes para a gente se conhecer melhor pessoal e musicalmente. Nas apresentações eu pude entender como a gente funciona improvisando os arranjos das músicas ao vivo. Digo isso, porque os repertórios tinham duração de duas horas, e eram músicas que ele não tinha tocado ainda. A gente não ensaiou para nenhuma das vezes, só trocamos ideias sobre estrutura e arranjo, e a partir disso, fizemos os arranjos improvisados. Eu gostei, e desenvolvi mais confiança em tocar com ele. Quando estamos só nós dois, conversamos bastante sobre possibilidades de arranjos para bateria nas performances ao vivo das minhas músicas, sobre referências e também compartilhamos sobre coisas pessoais. Acredito que sejam importantes essas interações que têm acontecido, para que a gente se conecte cada vez mais enquanto integrantes de uma banda e tenha uma desenvoltura melhor nas performances, produções e criações.

Antonella e eu nos conhecemos no primeiro dia de aula, numa segunda-feira de manhã. Era intervalo da aula de História da Música com o Celso Loureiro Chaves e a gente estava pegando um cafezinho no Bar do Antônio. Eu dei "oi", e perguntei seu nome. Ela não me olhou direito, mas disse que se chamava Antonella. Depois disso, acho que a gente se falou bem pouco até o início de 2019, numa reunião que nós - alguns alunos que ingressaram no curso de Música em 2018 - fizemos para elaborar a festa de recepção dos *bixos* do ano de 2019. Rimos muito, contei umas piadas e acho que ela gostou mesmo de mim a partir daí. Gostou tanto que me convidou pro *rolê* de aniversário dela. Nos tornamos amigas próximas desde então. Lembro que um dia ela assistiu a uma apresentação da minha turma de Prática Musical Coletiva III em que eu cantei **Falta** - uma das músicas deste trabalho, e ela elogiou. Fiquei boba, né? Porque acho o gosto musical da Antonella sensível, já que ela tem experiência em escrita de textos e poemas. Foi especial para mim que ela

tenha gostado. Nesse dia, na apresentação da turma de Prática Musical dela, ela tocou baixo. Achei chique! Para mim, Antonella é toda chique, no sentido de ser elegante, caprichosa e dedicada. Digo isso porque ela é multiinstrumentista: toca teclado, canta, compõe, e é aplicada no que se propõe a fazer, e nisso ela me inspira muito.

Uma coisa que a gente tem em comum é gostar de Marília Mendonça⁵⁰. No aniversário dela, em 2020, a gente foi num karaokê e cantou *Ciumeira*⁵¹ juntas. Depois disso a gente combinou que uma hora dessas faríamos uma versão de uma das músicas da Marília, em que ela ia cantar e tocar baixo. O combinado era sério, e acho que isso ficou na minha cabeça, por isso eu decidi chamar ela para fazer parte da banda do meu projeto. Sempre vi a Antonella como uma pessoa metódica e muito inteligente, e assim ela é quando se trata de tocar baixo. As linhas que ela desenvolve pros arranjos das minhas músicas são como eu espero e gosto, porque a gente tem diálogos bem fluidos e fáceis sobre as sonoridades que me inspiram. Então ela capta muito bem as referências que eu passo pra ela, como as músicas de Duda Beat e Marília Mendonça, que tem sido nossos principais parâmetros no quesito linhas de baixo. Além disso, minha relação com Antonella me fortalece em muitas áreas da vida. Tenho ela como alguém com quem me sinto confortável para falar sobre coisas, que talvez eu levasse muitas sessões de terapia para dizer. Antonella tem atuado também como produtora em alguns projetos artísticos, me auxiliando e orientando na estruturação e desenvolvimento dos textos e propostas para editais culturais, principalmente.

No formato da banda com quatro pessoas - Antonella, Gui, Kevin e eu - fizemos apenas duas participações, uma na Feira do Livro e outra na Feirita da Chico (março de 2022). Depois disso o Thomás entrou no grupo. Thomás é guitarrista e produtor musical e ingressou no curso de música da UFRGS no mesmo semestre que eu, assim como Antonella. Casualmente, também falei com ele pela primeira vez no primeiro dia de aula, mas na fila para fazer a carteirinha de aluno da Universidade. A gente tinha uma relação de colega, almoçava junto no Restaurante Universitário, batia papo sobre aleatoriedades e nada de mais profundo. Até que chegou o carnaval de 2019. Nesse ano, a gente se aproximou e curtiu o carnaval todo junto. A história é engraçada, então vou contar. Não sei como aconteceu

⁵⁰ Marília Mendonça foi cantora e compositora do gênero Sertanejo.

⁵¹ <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7D5F5Bzlon5zhzQrOU2pdN?si=f71ee7d82b49425f>

exatamente, mas em certo momento, na sexta-feira de carnaval daquele ano, a gente se encontrou em algum bar da Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre, e decidi curtir as festas do feriado juntos. Eu estava com outras amigas e ele me disse que dois primos dele, que eram tipo irmãos, amicíssimos desde a infância, iriam passar o carnaval na casa dele. Segundo ele, logo eu fechei a cara um pouco. Mas realmente fiquei pensando que seria meio chato ter que curtir festas de carnaval com os primos dele, que provavelmente eram dois homens cis brancos heterossexuais do interior. Eu só imaginei que as vontades e gostos dificilmente seriam alinhados. Para mim, era suficiente ter Thomás no *rolê*, a cota hétero no meu bando de amigos, em pleno carnaval. Até que os primos dele chegaram e eu logo vi: os dois *gays* e se encaixaram muito na *vibe* do *rolê* que eu esperava fazer. Nesse momento eu fiquei feliz demais! O carnaval de 2019 foi o melhor carnaval da minha vida. Nos divertimos muito! Em 2020 a gente tentou reproduzir o carnaval incrível e não foi a mesma coisa, mas a gente se aproximou mais ainda no decorrer desse tempo e sempre falávamos sobre tocar juntos algum dia.

Até que na pandemia, Thomás me convidou para fazer uma colaboração na produção de alguma música, para inscrever num edital cultural que estava acontecendo na cidade dele. Também não deu certo dessa vez. A gente não conseguiu finalizar a produção da música a tempo, pois fazer à distância complicou um pouco. A gente seguiu trocando ideias via *web*, sobre música, sobre editais e sobre como a gente estava se sentindo naquele período de isolamento. Depois que o isolamento acabou, no início de 2022, fui chamada para fazer uma *Loop Session*, produzida pela *LoopDiscos*, em parceria com a Dado Bier, para celebrar o mês da mulher. Para essa *session*, escolhi a música **Bagunça**⁵². *Loop Session* é o nome de um projeto de sessões de performances musicais gravadas ao vivo. Os vídeos são postados no canal de Youtube da produtora e os fonogramas são lançados nas plataformas de *streaming*. Decidi não tocar violão e chamei o Thomás para tocar guitarra. Gostei demais do trabalho dele, de como ele usou as referências de Guitarrada⁵³ que eu propus. E ele também gostou muito da experiência de tocar algo diferente do que ele estava acostumado, que eram Rock e Pop. Mais tarde, em

⁵² <https://youtu.be/ETXv2jQxe4?si=DUNpTb-ARQAAV55n>

⁵³ Guitarrada é um gênero musical que surgiu no estado do Pará - com referências do mambo, merengue, carimbó - no qual a guitarra predomina.

maio, fui convidada para abrir o show do artista Tagore⁵⁴ no Bar Ocidente⁵⁵, e decidi chamar o Thomás para integrar a banda. Nesse show, tocamos nós 5 pela primeira vez, no formato voz, duas guitarras (Thomás e Kevin, que fez teclas em algumas músicas) baixo e bateria.

Apresentar minhas músicas acompanhada de uma banda sempre foi uma meta de vida, desde a adolescência. Fazendo parte das bandas da igreja, eu percebia como cada linha de instrumento no arranjo fazia diferença na textura sonora, na dinâmica e no sentido de cada canção. Ter essas pessoas formando uma banda comigo tem corporificado o que esteve por muito tempo só na minha mente, como um sonho. Principalmente por serem pessoas amigas, que confiam e sonham junto comigo.

3.3 VARIAÇÕES DE FORMATO E TEXTURAS NAS PERFORMANCES AO VIVO

Além da banda completa e do formato duo com voz, violão e bateria, existem diferentes possibilidades com as quais fizemos algumas performances. Cada uma dessas possibilidades de formatos e texturas, assim como as performances em si, nos aproximou mais do que resultou o **espetáculo @eujalile - DIZ QUE ME VÊ**. Logo abaixo, uma lista com as variações da Bandíssima e deixo também o link do meu portfólio, com mais detalhes de cada apresentação:

PORTFÓLIO: <https://acesse.one/portfolio-jalile-2024>

Feira do Livro de Porto Alegre (no Espaço Força e Luz - novembro de 2021 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e guitarra - *eu*; baixo elétrico - *Antonella*; guitarra e trilhas - *Kevin*; bateria - *Gui*.

Feirita da Chico (março de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e guitarra - *eu*; baixo elétrico - *Antonella*; guitarra e trilhas - *Kevin*; bateria - *Gui*.

⁵⁴ Tagore é cantor e compositor pernambucano.

⁵⁵ Bar Ocidente é uma casa de espetáculos e centro cultural localizada em Porto Alegre.

Loop Session Delas Dado Bier (Estúdio LoopDiscos - março de 2022 em Porto Alegre a convite da curadoria): voz - *eu*, guitarra - *Thomás*.
<https://youtu.be/ETXv2jQxe4>

Sarau elétrico - Tu não é daqui néam? (Bar Ocidente - maio de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e violão - *eu*.
<https://www.youtube.com/live/gz1QqmJf4h8?feature=share>

Ecarta Musical 2022 (Fundação Ecarta - maio de 2022 em Porto Alegre - seleção por meio de edital): voz e violão - *eu*; baixo e voz - *Antonella*; beat eletrônico - *Kevin*. <https://www.youtube.com/live/WjDWS-TkwAw?feature=share>

Parada Livre de Porto Alegre (Parque da Redenção - junho de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e violão - *eu*; baixo - *Antonella*; beat eletrônico - *Kevin*.

Abertura do show do Tagore (Bar Ocidente - julho de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; baixo - *Antonella*; guitarra e trilhas - *Kevin*; bateria - *Gui*, guitarra - *Thomás*.

Sofar Sounds Porto Alegre (agosto de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; guitarra - *Thomás*; beat eletrônico - *Kevin*.
<https://youtu.be/g3plfDLaJGw>

Festival Quarto POA (Bar Cortex - novembro de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; baixo - *Antonella*; guitarra e trilhas - *Kevin*; bateria - *Gui*, guitarra - *Thomás*.

Participação do programa Estação Cultura na TVE (Estúdios da TVE - novembro de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; guitarra - *Thomás*. <https://www.youtube.com/watch?v=9YZPJwceQX8&t=657s>

Abertura do show de Ana Gabriela (Bar Agulha - dezembro de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; guitarra - *Thomás*.
<https://www.instagram.com/reel/CnUdullvtwD/>

Show da Coletânea Mapa Astral vol. 4 ::: Ar (Casa Surdina - dezembro de 2022 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e violão - *eu*; baixo - *Antonella*; beat eletrônico - *Kevin*.
https://youtu.be/K_8CISCHEpw?si=7vweNxfwP2WDtT73

Participação do programa Estação Cultura na TVE (Estúdios da TVE - março de 2023 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e violão - *eu*.
https://youtu.be/_ZbZQT06JbU

Sarau do Solar Temporada 2023 (abril de 2023 em Porto Alegre - seleção por meio de edital): voz - *eu*; baixo - *Antonella*; beat eletrônico - *Kevin*; guitarra - *Thomás*. https://www.youtube.com/live/-XPGP_uzz6M?feature=share

Noite dos Museus (Espaço Força e Luz - maio de 2023 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; baixo - *Antonella*; beat eletrônico - *Kevin*; guitarra - *Thomás*. <https://www.instagram.com/reel/Cso61ZZOGgy/>

Sarau Elétrico - Sarau Diversidade F.C. (Bar Ocidente - maio de 2023 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz e violão - *eu*.
<https://www.youtube.com/live/5ncnCQ8FjU8?feature=share>

Pocket Show no Lançamento do Financiamento Coletivo Apoia Morro (Marquise 51 - julho de 2023 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu*; baixo - *Antonella*; beat eletrônico - *Kevin*; guitarra - *Thomás*.
<https://www.instagram.com/reel/CyCA8WWuzDO/>

Pocket Show na 2ª Funk and Soul (Uptown - agosto de 2023 em Porto Alegre - a convite da curadoria): voz - *eu* e violão - *Luka de Lima*⁵⁶.

⁵⁶ Luka de Lima é guitarrista, compositor, cantor e produtor musical graduado em Música Popular pela UFRGS.

Pocket Show de abertura do UFRGS em Dança MIX (Salão de Atos - setembro de 2023 - a convite da curadoria): voz - eu e violão - Thomás.
<https://www.instagram.com/reel/CxbrcXouQv4/>

Cult Circuito Viamão (setembro de 2023 em Viamão - seleção por meio de edital): voz - eu; baixo - Antonella; guitarra e trilhas - Kevin; bateria - Gui, guitarra - Thomás

4 CONCEPÇÃO DO SHOW

O show **@eujalile - DIZ QUE ME VÊ** foi realizado no dia 5 de dezembro de 2023, na Sala Qorpo Santo, às 20h. Neste capítulo, discorrerei sobre a idealização e os processos de produção desse espetáculo, que se contextualizam a partir da minha perspectiva enquanto uma artista lésbica gorda, que fisicamente não cabe nos padrões estéticos sociais estabelecidos pela estrutura patriarcal capitalística. A concepção do projeto é atravessada pelas ideias de Suely Rolnik (2019), que entende a criação como propulsora vital e como potência micropolítica de materialização de territórios. A autora reflete sobre a existência de um inconsciente coletivo colonial capitalístico - que é racista, LGBTQIAP+fóbico, sexista, gordofóbico - e ainda sobre a nova relação entre capital e trabalho que apropria da vida sua potência de criação, quando

a fonte da qual o regime extrai sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva - para não dizer ontológica (...) (ROLNIK, 2019, p. 33)

Então como uma forma de me reapropriar dessa potência, me coloco neste trabalho como diretora artística, cantora, compositora, arranjadora, instrumentista e, juntamente com uma equipe formada majoritariamente por mulheres, desenvolvo um novo território, que prioriza o protagonismo feminino na maioria das funções da produção do espetáculo.

4.1 @EUJALILE - DIZ QUE ME VÊ

A primeira parte do nome - **@eujalile** - faz uma relação com as redes sociais - *Instagram, TikTok, Twitter* - e em como eu me coloco nelas, seja na divulgação das minhas produções, seja nas questões mais pessoais. Penso muito no *Instagram*, principalmente como um espaço relevante para se existir enquanto pessoa e enquanto artista, mais ainda desde o isolamento pela Pandemia de Covid-19, em que as redes sociais digitais eram o único canal possível de comunicação entre artistas e seu público. Percebo que a estética visual de um artista influencia, inclusive, no que vamos consumir ou não de música. Então como uma estratégia de divulgação da produção deste **show**, decidi fazer uma série de postagens que envolvem os registros de processos de produção - ensaios, reuniões e bastidores, do espetáculo em si e do programa de entrevistas com pessoas que assistiram o

show, o qual chamei de **JALILE TV**. A ideia do programa foi fomentar a divulgação do projeto durante um tempo, mesmo depois do espetáculo.

A segunda parte do nome - **DIZ QUE ME VÊ** - se relaciona com a invisibilização da identidade lésbica nas histórias que tem sido contadas há tanto tempo sob o ponto de vista de homens cis hétero brancos, o que também acontece na indústria da música. Além disso, é importante dizer que sempre que eu ia me apresentar, seja em bares fazendo versões de outras músicas, seja em shows de canções próprias, eu cantava e tocava violão. Na igreja - a qual frequentei de 2009 a 2014, eu só tocava algum instrumento ou cantava e tocava ao mesmo tempo. Desde que iniciei o projeto com banda, decidi que ia só cantar, na maior parte do tempo, e tocar instrumentos em momentos específicos dos *shows*. Embora seja contraditório eu querer apenas cantar, já que apresento, neste texto, a proposição de Lucy Green a respeito do desencorajamento de mulheres na atuação como instrumentista, eu explico: decidi isso porque percebi que muitas vezes usava o violão ou a guitarra como ítems para esconder meu corpo, o qual percebia como grande e espaçoso de forma negativa. Penso na escolha de abrir mão do instrumento como alternativa de explorar novas possibilidades do meu corpo nesse espaço. No espetáculo deste projeto, me permito dançar mais, passear pelo palco, interagir melhor com os outros músicos.

Além da Bandíssima formada por Antonella Pons (baixo), Thomás Werner (guitarra), Kevin Brezolin (teclado) e Guilherme Lopes (bateria), a equipe técnica do **show** foi composta por outras amigas que tenho muito carinho. Em algumas músicas, o palco foi também ocupado pelas *backing vocals* Angelis⁵⁷, Camila Balbuena⁵⁸ e Babi Pietoso⁵⁹, bem como por Luiza Hermes (teclado), Dy Ferranddis (baixo acústico), Karine Rodrigues⁶⁰ (voz) e Nycho⁶¹ (bateria) - que fizeram uma participação especial. Luiza Hermes também atuou como produtora executiva, juntamente com Camila e minha mãe, que foram assistentes de produção. Luan Rosa⁶² foi responsável pela mesa de som, além de ter feito a montagem junto com Kevin e Nycho. A iluminação cênica foi feita por Thais Andrade⁶³ e a fotografia por

⁵⁷ <https://www.instagram.com/angelisviolino/>

⁵⁸ <https://www.instagram.com/camilabalbuena/>

⁵⁹ <https://www.instagram.com/ababipi/>

⁶⁰ Karine Rodrigues é cantora graduanda em Música Popular.

⁶¹ Nycho é baterista, baixista e produtor musical.

⁶² Luan Rosa é baixista e produtor musical graduando em Música Popular.

⁶³ Thais Andrade é iluminadora e diretora teatral graduanda em Teatro pela UFRGS.

Amanda Reis⁶⁴, que é minha amiga desde a adolescência e viveu muitas coisas comigo dentro e fora da igreja. As gravações das entrevistas foram realizadas por GARBI, Leon⁶⁵ e Nycho e as maquiagens dos musicistas, por Tiffany Piazza (Fernanda Robin). Ter a atuação dessas pessoas junto comigo nos processos de produção desse espetáculo foi essencial para que tudo ocorresse como idealizei. Fico muito grata pelo apoio de cada um, que mesmo sem dinheiro investido, se dedicaram tanto, não só por amizade, mas por confiarem no meu trabalho.

4.2 AS *BACKING VOCALS*

A escolha das *backing vocals* se deu porque me identifico com cada uma delas, artística, pessoal e fisicamente. Entendo isso como relevante, principalmente pelo que disse anteriormente a respeito das performances de mulheres lésbicas e bissexuais gordas e/ou não feminilizadas. Camila Balbuena é uma mulher bissexual, compositora inteligente, de voz e ouvidos sensíveis. Participamos juntas do *ISOLAMENTO MUSIC LAB 2021*, o que foi responsável pela nossa aproximação. Angelis é demissexual, violinista e cantora de voz ágil, trabalhada num *belting* que gosto muito. Por também ter uma vivência longa na música Gospel, temos bastante em comum. Babi Pietoso é sapatona e se tornou minha amiga quando me chamou pra tocar com ela, depois de me ver tocando no *Ninkasi Bar*⁶⁶. Ela também tem a voz e os ouvidos sensíveis e tem compartilhado comigo algumas de suas composições. Em uma de nossas conversas ela disse: “pra mim foi muito rico participar disso. Acho que me aproximou muito de fazer algo que eu quero (música), e te ver fazendo tudo isso foi muito inspirador.” É importante também dizer que Sara Nina⁶⁷ fazia parte desse grupo, mas não pode participar do *show*. Sara é cantora e compositora, de voz médio-grave e forte. Nos conhecemos no bairro Sarandi (zona norte de Porto Alegre) onde ela já morou. Em algum momento desse dia nos demos conta que conhecíamos muitas pessoas em comum, como o Kevin, colega de banda (Zanzar⁶⁸) e com quem ela morava na época.

⁶⁴ Amanda Reis é designer de moda e produtora cultural.

⁶⁵ Leon é multi artista e estudante do curso de Teatro na UFRGS.

⁶⁶ Ninkasi Bar é um bar situado em Porto Alegre, que é liderado apenas por mulheres, direcionado ao público sáfico.

⁶⁷ <https://www.instagram.com/8raios/>

⁶⁸ https://www.instagram.com/_zanzar/



Imagem 1 - Registro 1 do show - as backing vocals. (Na foto, da esquerda para a direita: Angelis, Camila e Babi). Foto de Amanda Reis.

Nossos ensaios aconteciam geralmente duas vezes por semana, na minha casa - localizada no Centro Histórico de Porto Alegre, onde também passávamos um tempo compartilhando sobre como estávamos nos sentindo sobre questões pessoais e profissionais. Foi interessante ver elas desenvolvendo um vínculo entre si e desenvolver meu vínculo mais ainda com cada uma, pessoal e musicalmente. Para que elas estudassem em casa, produzi uma guia para cada uma - com sua respectiva melodia - e um documento de texto com todas as músicas, que tinha também as marcações dos trechos que elas cantavam. Alguns dias antes do show, fizemos dois ensaios gerais com Bandíssima e *backing vocals*.

Meu intuito de convidá-las para participar do projeto foi fazer com que nossos corpos ocupassem lugar de protagonismo, além de reunir essas mulheres e fortalecer uma rede entre nós mesmas, de forma a potencializar nossos fazeres artísticos e nossa auto estima.

4.3 PRODUÇÃO, IDENTIDADE VISUAL E PALCO

Para iniciar a produção do **show** - que durou entre agosto e dezembro de 2023 - foi necessário que eu entrasse em contato com as pessoas que eu gostaria que trabalhassem comigo, além da Bandíssima, assim como agendar com os responsáveis pelo espaço escolhido, que foi a Sala Qorpo Santo - localizada no Campus Centro da UFRGS (Avenida Paulo Gama, 110 - Farroupilha, Porto Alegre - RS) utilizada majoritariamente pelo curso de Teatro da Universidade e pelas turmas do curso de Música Popular. Esse agendamento foi realizado por e-mail e os outros contatos foram feitos via *WhatsApp* ou presencialmente. Em uma das reuniões com Isabel, entendemos que precisaríamos de uma produtora executiva, alguém que fosse ágil e eficaz para direcionar a execução da ordem do dia. Logo pensamos na Luiza Hermes, que no mesmo momento aceitou o convite. Camila também aceitou atuar como assistente de produção e minha mãe também se disponibilizou a ajudar no que fosse necessário. Para a organização elaborei alguns documentos específicos que seriam os roteiros para cada equipe de trabalho - produção, som, luz, Bandíssima, *backing vocals* - e um cronograma geral. Os roteiros estão disponibilizados no Apêndice deste trabalho.

Para o **show**, eu já tinha em mente que usaria um *blazer* lilás, confeccionado por minha tia Susana (irmã do meu padrasto), e que lilás seria a cor principal da estética visual, por estar associada à lesbianidade⁶⁹. Então para o cartaz de divulgação eu vesti o *blazer* e fiz as fotos em casa, com a ajuda de Leon. A edição das fotos foram feitas com ajuda de Lígia Lazevi e o cartaz de divulgação foi feito por mim, no aplicativo *Canva*. O cartaz principal (imagem 3) foi postado no dia 9 de novembro, um mês antes do evento.

⁶⁹ Uma das razões pelas quais a cor lilás está associada à lesbianidade se baseia em uma ação de luta contra a invisibilização das pautas lésbicas nas agendas feministas. A ação foi realizada por lésbicas estadunidenses em 1970, durante o Segundo Congresso de Mulheres, em que invadiram a conferência usando camisetas lilás, escrito "Lavender Menace" ("Ameaça Lilás", na tradução livre). Fizeram isso, pois nessa época, a participação de mulheres lésbicas no movimento feminista era julgada como negativa - sendo chamadas de "ameaça lilás", pelas outras mulheres do movimento feminista.

@EUJALILE
DIZ QUE ME VÊ

05 DE DEZEMBRO • 19H30 • SALA QORPO SANTO - UFRGS



trabalho de conclusão de curso · MÚSICA POPULAR · UFRGS
orientadora: Isabel Nogueira



Imagens 2 e 3 - Cartazes de divulgação do show

O figurino da *Bandíssima* era preto e branco e o das *backing vocals* e participações especiais eram laranja, rosa, azul e verde escuro, com cores que predominam na paleta de cores Outono Quente⁷⁰, porque achei que combinavam com a estética vibrante que eu quis trazer para o **espetáculo**. A maquiagem feita por Tiffany Piazza era feita com *glitter* na região dos olhos. As apresentadoras do **JALILE TV** - GARBI e Leon - estavam vestidas de vermelho. O principal elemento do palco que apresentava o conceito e as atmosferas do **show**, que se dividia em três momentos, foi a iluminação cênica. Para mim, era muito importante que eles

⁷⁰ <https://casttini.com.br/blog/especial-paleta-de-cores-outono>

estivessem bem definidos e explícitos. Thaís Andrade havia feito a iluminação da abertura que fiz para o *show* de Ana Gabriela no Agulha e também conhecia bem o palco e equipamentos da Sala Qorpo Santo, por isso decidi chamá-la para trabalhar neste espetáculo. Como orientação, fiz um *setlist* com as músicas e as atmosferas que eu queria que cada uma tivesse.



Imagem 4 - Paleta de cores “Outono Quente”. Fonte: <https://casttini.com.br/blog/especial-paleta-de-cores-outono>

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ
iluminação

bloco 1

- 1. tava na ponta da língua**
laranja, amarelo forrozinho vibes
- 2. demorei pra assumir**
azul, roxo, rosa - lovesong (músicas 2, 3 e 4)
- 3. pra me trazer (sem backing)**
- 4. a gente já tentou (sem backing)**
- 5. seu jogo**
azul, roxo, rosa, vermelho - love song + festinha vibes

imagem 5 - print de setlist com roteiro para iluminação



*Imagem 6 - Registro 2 do show. (Na foto, da esquerda para a direita: Thomás, Kevin, Eu, Guilherme).
Foto de Amanda Reis.*



Imagem 7 e 8 - Registros 3 e 4 do show. (Na segunda foto, Eu, performando a música Ansiosa). Foto de Amanda Reis.

5 O SHOW: REPERTÓRIO, ARRANJOS, TEXTURAS E ATMOSFERAS

Como dito no capítulo anterior, o *show* foi dividido em três momentos, que eram apresentados gradualmente por meio dos ritmos musicais, das temáticas das letras, dos arranjos e das movimentações que aconteciam no palco - as pessoas que estavam ocupando o espaço em cada momento. A ideia era expor várias facetas de quem eu sou, seja com a variedade de estilos musicais, com interação com a banda e o público, nos comentários bem humorados entre músicas, seja nas expressividade da interpretação de músicas mais emotivas e introspectivas. Trago agora uma parte do texto “Jalile: navegando entre ritmos e identidades”⁷¹, publicado no programa *online* Caderno 2⁷² no site Medium, escrito por Laura Caporal e Luiza Beber - estudantes do curso de Jornalismo da UFRGS - que foram prestigiar e fazer a cobertura do espetáculo:

A cantora transforma seu passado na igreja e suas percepções de autoestima e lesbianidade em uma lírica vulnerável e honesta, abrindo espaço para o público abraçar as melodias e conectar-se intimamente com suas experiências. (...) O show foi introduzido com maestria: a performance de canções como “Tava na Ponta da Língua” e “Demorei pra Assumir” — algumas das mais conhecidas da artista — foi executada de maneira genial, contagiando e capturando o público desde o primeiro instante. O segundo bloco, por sua vez, foi marcado por sensibilidade e personalidade tremendas. A banda se retira brevemente, deixando a cantora sozinha com seu leal companheiro: o seu violão. (...) Por mais que as letras abordassem, essencialmente, sua relação consigo mesma e tópicos relacionados à autoestima, a vivência sonora e melódica do bloco remetia ao imaginário sagrado. (...) O final do espetáculo brilhou tanto quanto — ou até mais — que o restante. A emoção do público havia sido visivelmente colocada à flor da pele e, do refrão de “Bagunça” até a última nota de “Ferve” — e mais adiante da música extra, tocada em resposta às súplicas da plateia — todos os espectadores se mantiveram em pé, cantando e dançando junto da artista. Foi um encerramento emocionante, digno do restante da apresentação. (...) (BEBER, CAPORAL, 2023)

A escolha do repertório se deu a partir da formação dos repertórios dos *shows* que tenho realizado desde o final de 2021. Escolhi 14 músicas que compus no período entre 2018 e 2023, além da composição de Antonella, chamada **Trovão Metal** e da minha música **Espelho**, que embora composta em 2016, em outro contexto, acredito que conversa com as outras canções no âmbito da letra em si. Nessas canções eu falo sobre relacionamentos românticos entre mulheres, saúde mental, sobre aqueles resquícios da minha experiência religiosa, auto estima e sobre a luta contra a lesbofobia. Na sonoridade, eu proponho uma mescla de

⁷¹ <https://medium.com/caderno-2/jalile-navegando-entre-ritmos-e-identidades-e2a37850e44b>

⁷² <https://medium.com/caderno-2>

gêneros musicais e ritmos brasileiros e não brasileiros como referência, que são o que costumo ouvir e constituem minhas referências musicais, como Pop, Sertanejo, Funk, Brega, MPB. A seguir, falarei dos processos composicionais, arranjos e de como foi a performance de cada uma das canções do repertório, sendo elas **Tava na ponta da língua, Demorei pra assumir, Pra me trazer, A gente já tentou, Seu jogo, Ansiosa, Espelho, Falta, Atravessar o rio, Pecado, Trovão metal, Não dá pé, O que que eu faço com isso?, Melhor assim, Bagunça e Ferve**. As cifras de cada uma das músicas estão anexadas no Apêndice deste texto.

Para começar, escolhi três músicas que já estão lançadas nas plataformas digitais de *streaming*, com o intuito de conseguir um envolvimento maior com o público logo no início, já que é mais provável que as pessoas conheçam a letra e saibam cantar junto.

5.1 TAVA NA PONTA DA LÍNGUA

Tava na ponta da língua

(2020)

*vazio tão cheio de nada
sons de uma boca calada
minha cabeça trovoa
silêncios e voz entalada*

*eu procurei por palavras
bem fundo, e não achei nada
no meu baú tem uma folha
em branco amassada*

*fugiu
tava na ponta da língua e fugiu
fugiu
tava na ponta da língua e fugiu
fugiu
tava na ponta da língua e fugiu
fugiu
tava na ponta da língua*

Tava na ponta da língua tem referências dos ritmos Baião, Afrobeat e Forró e foi composta em 2020 para uma atividade do projeto Oficina de Compositoras, ministrado por Clarissa Ferreira⁷³, que eu estava participando. A ideia era escrever uma música sobre o que estávamos sentindo no momento. Eu sentia minha criatividade sem muito movimento naqueles dias e nada me vinha muito à cabeça, a não ser a frase e a melodia “fugiu, tava na ponta da língua e fugiu”. Decidi fazer uma improvisação em cima de dois acordes e o refrão gira em torno somente dessa frase, até que consegui desenvolver a parte A, que se repete melodicamente - com pequenas variações - e só muda a letra. A parte A é em 2/4, a ordem dos acordes é Gm e Cm. No refrão, a ordem inverte e o tempo fica 4/4. Basicamente, é uma brincadeira sobre momentos em que perdemos as palavras.

⁷³ Violinista, cantautora e professora de música da Universidade Federal de Pelotas.

O arranjo para o **show** tem bastante referência no fonograma lançado em outubro de 2021, pelo selo *Tal & Tal Records*, e o teclado executa algumas melodias dos sopros, principalmente o *riff* principal, que as *backing vocals* e eu cantamos juntas no final, *a capella*, convidando a plateia a cantar junto. A divisão de vozes foi feita da seguinte forma: Angelis fez a voz média, Camila ficou com a melodia mais aguda e Babi fez a mesma melodia que Camila, mas uma oitava abaixo. **Tava na ponta da língua** inicia o primeiro bloco do espetáculo - com minha entrada, depois que os outros músicos já estavam no palco - propondo uma atmosfera dançante, divertida e bem humorada, para endossar isso, a iluminação tinha as cores laranja e amarelo como principais.

A música está disponível para ouvir nestes links:

<https://acesse.one/Tava-na-ponta-da-lingua> (Spotify)

<https://l1nk.dev/Tava-na-ponta-da-lingua2> (YouTube)

Cifras da música na página 91.

5.2 *DEMOREI PRA ASSUMIR*

Demorei pra assumir

(2021)

demorei pra assumir que eu sinto tua falta

não sei o que se passa aí

o que se passa aí?

eu não sei

não queria fazer

mais uma música pra você

mas eu fiz

não queria assumir que sim

sinto tua falta, mas digo “não”

não quero mais te ver

dormi pensando que ia esquecer

sonhei a madrugada inteira

acordei com a cabeça cheia

dessa falta, dessa falta tua

Demorei pra assumir tem referências dos ritmos Pop e R&B e foi composta, produzida e lançada em novembro de 2021, pela *LoopDiscos*, e fala sobre um término de relacionamento. Inclusive, foi a primeira música que defini como *sufrência sapatônica*⁷⁴. Considero essa letra bem literal, já que fala sobre sentimentos reais, que aparecem depois de finalizar uma relação com quem se gosta muito, como a dor de não conseguir parar de pensar sobre aquilo, somada a dor do orgulho de assumir isso. Diferente de **Tava na ponta da língua**, esta canção foi escrita rapidamente, sob uma progressão de acordes e uma melodia que já estavam na minha cabeça. Acredito que seja a música mais conhecida de quem me acompanha, por isso também foi logo a segunda do espetáculo. Para o **show**, o arranjo dessa música também foi bem parecido com o arranjo do fonograma, principalmente as frases da guitarra e do baixo, inclusive as frases cantadas pelas *backing vocals*. Me lembro de ficar bem emocionada no palco ao escutar os arranjos vocais. No fim

⁷⁴ *Sufrência sapatônica* é o termo criado por mim, para descrever canções de amor, feitas por mulheres que se relacionam com outras mulheres.

desta música, as *backing vocals* se retiraram do palco, e ficamos somente a banda e eu. Nessa parte do **show**, entre **Demorei pra assumir** e as próximas duas canções do repertório, as cores da iluminação do palco foram azul, rosa e roxo, com o intuito de representar uma atmosfera de *love song* - romântica e dramática.

A música está disponível para ouvir nestes links:

<https://l1nk.dev/Demorei-pra-assumir> (Spotify)

<https://acesse.dev/Demorei-pra-assumir2> (YouTube)

Cifras da música na página 92.

5.3 PRA ME TRAZER

Pra me trazer

(2019)

*não demorou pr'eu te amar
e te guardar dentro de mim
mas caminhei meses e meses
pra não lembrar mais de você*

*eu quis cortar todos os laços
quis apagar todos os traços
que eu desenhei*

*quis desandar todos os passos
desabraçar os seus abraços
do corpo meu*

*até lancei paixão bem longe
te deixei lá pra esquecer
pra não lembrar mais do seu rosto
te deixei lá pra me trazer*

*até lancei paixão bem longe
te deixei lá pra esquecer
pra não lembrar mais do seu corpo
te deixei lá pra me trazer*

Pra me trazer foi lançada em outubro de 2022 pela Sigmund Records, e tem referências dos ritmos Pop e um pouco de Pagode e foi composta em 2019 durante uma improvisação com base numa progressão de acordes que achei bonita. Também achei bonita a frase “te deixei lá pra me trazer” e decidi criar uma narrativa a partir disso na letra. Foi um processo mais lento que **Demorei pra assumir**, mas acabou tendo a mesma temática. Nessa letra, faço mais uso de metáforas, por exemplo na frase “até lancei paixão bem longe”, como quando eu quis dizer - outra vez, sem perceber - que evitei pensar a respeito e demorei para assumir esse

sentimento. Para o **show**, o arranjo dessa música também foi bem parecido com o arranjo do fonograma, mas sem os arranjos vocais das *backing vocals* que aparecem na música disponível nas plataformas de *streaming*. O teclado fez o solo que o saxofone faz no fonograma, por exemplo, e a referência do Pagode aparece quando a bateria faz o ritmo de tamborim na ponte, antes de entrar na repetição do refrão.

A música está disponível para ouvir nestes links:

<https://l1nk.dev/Pra-me-trazer> (Spotify)

<https://l1nk.dev/Pra-me-trazer2> (YouTube)

Cifras da música na página 93.

5.4 A GENTE JÁ TENTOU

A gente já tentou

(2019)

*meu bem, te peço perdão
por não atender sua ligação
meu bem, hoje eu quis ficar
sozinha no meu canto*

*ouvindo a razão falar
ouvindo a razão cantar, então*

*ei, amor
será que a gente ainda dá certo, amor?
todo dia é uma briga diferente eu não entendo
diz aí se você entende*

*ei, amor, te amo tanto
mas a gente já tentou
a gente já tentou uma, duas, três vezes
quatro, cinco, seis vezes*

A gente já tentou tem referências dos ritmos Pop, R&B e Indie e foi composta em 2019 sobre idas e voltas de um relacionamento que não estava mais funcionando. É sobre o conflito entre a razão e as emoções. Considero essa música bem dramática, tanto na letra quanto na melodia, então, no palco, pude expressar isso com meu corpo também. O arranjo da música foi construído gradativamente no decorrer dos últimos três anos, passando por várias alterações para cada *show* que fizemos. Para o espetáculo **@eujalile - DIZ QUE ME VÊ** escolhi que fizéssemos algumas convenções com o intuito de evidenciar o drama, como na frase “a gente já tentou uma, duas, três vezes quatro, cinco, seis vezes”, que todos os instrumentos fazem o mesmo ritmo. No fim da música, as *backing vocals* voltaram para o palco enquanto eu convidava a primeira participação especial da noite: Nycho, na bateria.

Cifras da música na página 94.

5.5 SEU JOGO

Seu jogo

(2023)

*você não me engana
tá na sua cara
eu sei que me quer
eu sei que me quer*

*nega que me ama
mas sempre faz manha
quando eu tô na sua cama
e tenho que ir embora*

*você me pede pra ficar
quando tá carente
mas finge que não sente*

*você me pede pra ficar
mas na frente dos seus amigos
parece que eu não existo*

*eu caio nessa de novo
finjo que não ligo
jogo o seu jogo escondido
pra ficar contigo*

*não sei porque
faço isso comigo
jogo o seu jogo de iludido
pra ficar contigo*

Seu jogo tem referências dos ritmos Pop (mais dançante), R&B contemporâneo e House e foi composta em 2023 sobre uma relação que não é um namoro, e que, de certa forma, permeia em um não-lugar, por não se saber ao certo onde essa relação vai dar. Quando compus, pensei nela como um ritmo mais dançante, embora falasse de um tema melancólico. Posso dizer que é uma música para quem gosta de mesclar melancolia e balada. Durante a produção fonográfica dessa canção, Nycho e eu escolhemos evidenciar bastante as linhas de baixo - gravadas por ele - o que realça ainda mais o *groove*. Trouxemos isso também para o arranjo da música tocada ao vivo, em que a Antonella tocou uma linha de baixo inspirada na linha composta por Nycho - que nesse momento do **show** tocou bateria. Nessa música, assim como em **Tava na ponta da língua** e **Demorei pra assumir**, as vozes das *backing vocals* se dividem da seguinte forma: Angelis fazendo a melodia média enquanto Camila e Babi fazem a mesma melodia, mas em oitavas diferentes - Camila na oitava mais aguda e Babi na oitava mais grave.

É importante dizer também que o fonograma de **Seu jogo** foi lançado pela *Tal & Tal Records*, no dia primeiro de dezembro de 2023, quatro dias antes do **show**, então como estratégia de divulgação, decidi que ela apareceria no início - com participação de Nycho - e no final, como bis, com o Gui tocando bateria dessa vez. Para contextualizar as características dançantes da música, as cores da iluminação do palco eram azul, roxo, rosa, vermelho.

A música está disponível para ouvir nestes links:

<https://acesse.one/Seu-jogo> (Spotify)

<https://l1nk.dev/Seu-jogo2> (YouTube)

Cifras da música na página 95.

5.6 *ANSIOSA*

Ansiosa

(2018)

*o pó
escorre na ampulheta
e a hora
desce a ladeira
na velocidade da luz*

*sou pólen
que o beija-flor
levou da flor
pra longe, pra outra flor*

*e agora
tão distante
aflita, espero o beijo
pra voltar pra casa*

*onde o dia passa devagar
o tempo para
e eu posso descansar
me deito e me deleito na calma*

O segundo bloco do *show* se inicia com **Ansiosa**, que foi escrita em 2018, num período em que eu sentia muito cansaço mental e os sintomas de ansiedade apareciam também fisicamente. Acho que muitas sensações relacionadas ao contexto religioso que eu vivi por tantos anos me atravessavam, como ainda atravessam hoje de alguma forma, mesmo eu não apresentando mais tão intensamente esses sintomas de ansiedade. Isso porque, como eu disse anteriormente, temas como depressão, ansiedade e saúde mental no geral eram justificados como ausência de um relacionamento com o divino. Por esse motivo, o sentimento de culpa era um dos sintomas. Em 2018 eu já tinha identificado as questões de saúde mental que eu precisava dar atenção e também me sentia

menos culpada ao declarar esses sentimentos em voz alta, como faço em **Ansiosa**. A melodia surgiu junto com a letra, depois organizei a harmonia utilizando o violão como instrumento. Eu estava sentada no meu quarto, derramei algumas lágrimas e, ao mesmo tempo que escrevia, sentia um certo alívio, um descanso.

Sempre pensei numa performance dessa canção com aspectos mais intimistas: eu mesma, sozinha tocando violão e cantando. Nesse momento do **show** falei um pouco sobre este projeto, contextualizei as referências que trouxe para o projeto, assim como tenho contextualizado no decorrer deste texto. Comentei, inclusive, que não se trata apenas de um trabalho de conclusão de curso, mas do projeto da minha vida e perguntei, ainda, quem das pessoas que estavam ali também costumava frequentar a mesma igreja que eu. Algumas pessoas levantaram a mão. Fiquei feliz em vê-las lá e em poder compartilhar como eu me sentia a respeito daquele antigo contexto em comum que tínhamos vivenciado. Para expressar uma atmosfera mais introspectiva, a iluminação era basicamente um foco de luz quente sem cor no centro do palco, onde eu estava.

Cifras da música na página 96.

5.7 ESPELHO

Espelho

2016

*o que conta o seu espelho
o que diz seus olhos
o que você vê?*

*reflexos de tantas memórias
de muitas histórias
e lugares que já foi*

*you gosta do que enxerga
da vida que leva
e do que te cerca?
do caminho e das escolhas que fez?
o fardo que você carrega
são as coisas boas que escondeu
e esqueceu de mostrar
esqueceu que tinha*

*espelho, espelho meu
quem sou eu?
pra que vim e como vou?
me mostra o que é meu
e o bom de ser eu
reverte a distorção*

Espelho é um diálogo que fiz comigo mesma, em que reflito sobre auto estima e tento separar o que sou realmente e o que é apenas uma distorção de imagem. É uma canção, sobretudo, sobre aceitação e empoderamento. Para o **show**, decidi convidar grandes amigas que me disseram se identificar com a música: Dy Ferranddis, que tem tocado baixo em bares e eventos comigo há

aproximadamente dois anos e que se tornou uma grande amiga desde que entrou no Sônicas. No **show** ela tocou baixo acústico, fazendo algumas variações da melodia do violoncelo, que escrevi para meu recital de conclusão do curso técnico em música do IFRS. Karine Rodrigues entrou no curso em 2018 junto comigo e desenvolvemos uma afinidade fazendo disciplina juntas no início da graduação, mas nos reencontramos em 2023, na disciplina de Canto Coral I, quando ela me disse que gostaria muito de cantar **Espelho** um dia. Nesse momento fiz o convite e pudemos finalmente performar juntas, fazendo divisão de vozes, algo que nós duas gostamos muito. Luiza Hermes acompanha minhas apresentações desde o início do curso, quando esta música ainda fazia parte do repertório. Foi importante para mim que ela participasse tocando teclado, porque somos muito amigas e nunca tínhamos conseguido tocar juntas, a não ser no *show Sônicas na Surdina*⁷⁵. Apresentamos, então, esta canção num formato diferente dos anteriores: uma banda formada apenas por mulheres, numa interpretação intimista e sensível, em que os sentimentos de identificação com o texto e melodias da música eram compartilhados entre nós quatro. No palco, a iluminação expressava esse clima com luzes de tons azuis.



Imagem 9 - Registro 5 do show - participações especiais de Dy Ferranddis (na esquerda), e Karine (na direita). Foto de Amanda Reis.

Cifras da música na página 97.

⁷⁵ *Sônicas na Surdina* foi um *show* realizado no dia 09 de dezembro de 2022, pelo Sônicas - Antonella Pons, Dy Ferranddis, GARBI, Fernanda Robin (Tiffany Piazza), Luiza Hermes e eu - na Casa Surdina - espaço cultural localizado em Porto Alegre.

5.8 FALTA

Falta

2018

eu me trago de novo

eu me trago de volta

olhei no espelho e logo vi

a falta estampada em mim

pintada em mim

faltava em mim

olhei no espelho e logo vi

essa saudade me invadir

saudade em mim

estampada em mim

eu me trago de novo

eu me trago de volta

que saudade dos olhos que eu fechei

e de cada canção que eu não cantei

que saudade do amor que escondi

e de cada beleza que eu não notei

que falta me faz o papel que eu rasguei

e de cada beleza que eu não notei

que falta me faz a voz

que com medo de ouvir, eu calei

Em 2018, eu já estava vivendo em um relacionamento afetivo com uma mulher, assumidamente para família e a quem quer que fosse. Mas como eu disse anteriormente, eu vivia ainda com muitos sentimentos e sensações relacionados às

minhas experiências sendo seguidora fiel das doutrinas de uma igreja evangélica. As regras sociais desse sistema me faziam podar a mim mesma, podar meus sentimentos, minhas paixões e principalmente, minha identidade lésbica. Eu ainda sentia culpa e outro sentimento que parecia ser uma saudade de não ter vivido como eu queria viver, fazendo coisas que eu gostaria e amando quem eu amava. A letra de **Falta** fala das coisas que eu fiz para tentar não ser e da saudade do que poderia ter sido. No **show**, decidi que essa música seria interpretada por mim, na voz, e Thomás na guitarra apenas, como uma referência do estilo musical Worship⁷⁶. No palco, as cores eram rosa e roxo.

Cifras da música na página 98.

⁷⁶ Worship, traduzido para o português, significa adoração. Atualmente, o termo dá nome a um gênero musical contemporâneo utilizado nos ritos de igrejas evangélicas. Na sonoridade, o estilo musical se aproxima da estética do Pop e do Rock, com timbres de pads em evidência. Para exemplificar, deixo o *link* de uma música do estilo Worship: <https://www.youtube.com/watch?v=PfpEefKiG2I>

5.9 ATRAVESSAR O RIO

Atravessar o rio (2021)

*um medo tão frio
de pisar nesse chão
com os pés descalços
caminhar na escuridão
e atravessar o rio*

*acreditar ou não
em quem diz que dá pé
botar a mão no fogo
e assumir o risco
de não voltar atrás*

*a casa desabou
o silêncio é ensurdecedor
eu corro para o nada
e atravesso o rio*

*rindo do pavor
como se ele não fosse capaz
de tomar o que sobrou de ar
de tomar o que sobrou*

Em 2021, uma das propostas que Isabel fez ao Sônicas, era lançarmos um ep-álbum do grupo, com canções compostas por nós integrantes. Primeiro, a ideia era cada uma compor uma canção a respeito de como se sentia com relação às questões de gênero, e como nossos marcadores nos atravessam no fazer artístico e na vida. No imaginário, me vi diante de um rio, como na fazenda do meu avô, em Minas, que eu precisava atravessar no escuro e sentia um pouco de medo. Pude refletir sobre anseios e minha saúde mental, e ainda em como muitas coisas negativas da minha experiência no meio religioso respingavam no meu jeito de sentir as coisas até então. Refleti também sobre o período da pandemia em que estávamos vivendo e em como tudo parecia estar parado, mas seguia se movimentando e exigindo que nos movimentássemos também. **Atravessar o rio** é

sobre seguir mesmo com medo. Acho interessante comentar sobre o fato de eu pensar, durante o processo de composição desta música, na referência de uma banda gospel chamada Jesus Culture, que eu ouvia muito nos meus tempos de crente cristã. Gosto muito da sonoridade das guitarras, que cria a ambiência chamada Worship, que virou o gênero musical do qual já comentei. Também curto as linhas que a bateria faz e depois percebi que a banda Fresno tem músicas com uma sonoridade parecida, como na música *Vou ter que me virar*⁷⁷. Trouxe essa referência para a construção do arranjo nos ensaios com a Bandíssima, e nesse momento do **show** - para executarmos esse arranjo com uma energia Worship - Antonella, Kevin e Gui retornam ao palco, em que a cor que predomina é o azul.

Cifras da música na página 99.

⁷⁷ https://www.youtube.com/watch?v=jbrLub_Bae8

5.10 PECADO

Pecado

2018

ouvi dizer

que o meu amor é pecado

pra você

me diz o que tem de errado

em amar outra mulher

afeto como outro qualquer

cuspiu

com nojo daquilo que viu

me diz

me fala o que foi que eu fiz

minha mão na mão de outra moça

na chuva, saltando as poças, e só

mas nem se eu tivesse com a boca

colada na boca da outra

o que tem de pecado em amar?

Pecado é uma canção de luta contra a lesbofobia. Escrevi assim que cheguei em casa, logo depois de um episódio de lesbofobia que minha namorada da época (2018) e eu sofremos. Era um início de noite, estávamos numa rua do centro de Porto Alegre caminhando de mãos dadas e um homem passou pela gente e cuspiu na minha namorada. No momento não reagimos, ficamos em estado de choque. Era ano de eleições entre Bolsonaro e Haddad, e sentíamos bastante medo e incerteza sobre o futuro e nossa liberdade. O arranjo dessa canção tem como referência os ritmos de Samba e Bossa Nova, mas na primeira parte da música, a guitarra fez notas com slide e efeitos que possam provocar uma certa tensão sonora - o que se relaciona com a tensão da letra. Na segunda parte, as referências do Samba e da

Bossa Nova se evidenciam nos instrumentos. A iluminação do palco tinham as cores vermelho e laranja, para expressar o peso do tema da música.

A música está disponível para ouvir nestes links:

<https://acesse.one/Pecado1> (YouTube)

Cifras da música na página 100.

5.11 TROVÃO METAL

Trovão metal

(Antonella Pons, 2019)

trovão, metal, não sei do que sou feita

posso ouvir minha voz

se fosse água, te arrastaria

posso ouvir minha voz

será que hoje é o dia?

se meu corpo fosse metal

teu ódio refletiria

se te faz bem um pedestal

a queda é mais doída

porque ser odiada

não mais me amedronta

e as ordens dominicais

te devolvo com afronta

atraio trovões e raios

e despejo na sua conta

será que hoje é o dia?

Trovão metal foi escolhida para fazer parte do repertório, mais especificamente na finalização do segundo bloco do **show**, pela temática que afronta às estruturas patriarcais, que também dialoga com a temática de **Pecado** e das outras canções desse bloco. É interessante que toquei baixo na primeira vez que performei essa música com Antonella, enquanto ela cantava e tocava teclado. Atualmente, invertemos os papéis, e ela toca baixo enquanto eu canto. As referências para a construção do arranjo de **Trovão metal** para o espetáculo deste

trabalho são os ritmos do Samba Rock e Pop, com uma linha de baixo bem marcada. No palco, para concluir o segundo bloco - em que as canções apresentam questões de auto estima, saúde mental, feminismos e de luta contra a lesbofobia - as cores da iluminação são amarelo, laranja e vermelho.



Imagem 10 - Registro 4 do show - com Antonella Pons, na direita. Foto de Amanda Reis.

Cifras da música na página 101.

5.12 NÃO DÁ PÉ

Não dá pé

(2020)

me joguei em você

mas não dá pé

eu boto fé

mas não sei até

onde eu posso ir

ou se dou ré

te chamei pra vir

mas não sei se ouviu

ou se ouviu demais

e só fingiu

me diz o que quer de mim

me diz se quer de mim

só me diz

se eu posso te ligar

como eu tô pra fazer

sem medo de pisar em falso

medo de querer

se eu posso te querer

e querer te contar

sem medo de pisar em falso

Não dá pé inicia o terceiro e último bloco do **espetáculo**, que é composto apenas por *sifrências sapatônicas* mais dançantes. Esta música foi feita no início da pandemia, sobre uma relação cuja comunicação não é tão nítida, por isso a sensação de não saber exatamente o que está acontecendo nem onde a relação vai dar. As primeiras estrofes da música tem referência nos ritmos Axé e Ijexá, dos quais

gosto muito. Nessa parte, o arranjo consiste na guitarra e nas teclas fazendo notas longas, enquanto o baixo e a bateria evidenciam bastante o Ijexá. Já o refrão, tem referência no Samba Rock e no Pop. No final da música apenas o baixo e a bateria tocam o refrão, mas com ritmo de Ijexá, enquanto eu canto. Foi bonito ver que muitas pessoas cantaram o refrão junto, embora essa música ainda não tenha sido lançada nas plataformas de *streaming*. As cores da iluminação do palco eram azul claro, amarelo e laranja.

Cifras da música na página 102.

5.130 QUE QUE EU FAÇO COM ISSO?

O que que eu faço com isso?

(2021)

*achei que dessa vez
seria só mais uma
quando me vi
tava derretida na sua*

*eu fiz de tudo, como sempre
pra não me envolver
mas é difícil demais
fingir que o meu corpo não queima*

*quando você
me manda áudio
e diz que me quer
que quer me ter
e tudo o que eu não botava fé*

*perco a banca
se tu fala no pé do meu ouvido
me desmonta
e agora, o que que eu faço com isso?*

O que que eu faço com isso? é, finalmente, uma canção que descreve o início de um novo ciclo, por falar sobre amar de novo, mesmo com receios pelas chateações anteriores. No processo de composição pensei nela como um Pop lento, com referências também do R&B, mas no desenvolvimento do arranjo, junto com a Bandíssima nos ensaios, decidi que ela começaria como um Pop lento, depois como um Brega e como um Funk no refrão. E assim foi no **show**, em que a plateia também cantou junto o refrão. Escolhi apresentar a Bandíssima enquanto o Funk do

refrão era tocado e chamei as *backing vocals* de volta ao palco, para que elas pudessem cantar as próximas músicas do bloco.

Cifras da música na página 103.

5.14 MELHOR ASSIM

Melhor assim

2019

*hoje eu acordei com um beijo seu
hoje eu acordei com um beijo seu
quando procurei você não tava ali
e eu vi que não passava de um sonho meu*

*vi que não passava de um sonho meu
fui até a sala só pra conferir
quando procurei você não tava ali
e eu vi que não passava de um sonho meu*

*mas é melhor assim
você daí e eu daqui
é melhor assim
melhor a gente seguir
foi bom enquanto durou
foi lindo nosso amor
mas é melhor assim*

*a gente chorou
cansou de tanto insistir
e o que doeu
eu já esqueci
mas o amor eu guardei
e agora eu só quero o melhor pra mim*

Melhor assim é uma canção sobre os sentimentos relacionados ao fim do meu primeiro relacionamento com uma mulher. Categorizo essa música como uma das minhas *sufrências sapatônicas*, principalmente por ter bastante referência do Sertanejo e do Brega e também por ter uma letra sobre sofrer por amor. No início,

era para ser uma mistura de Pop e RnB, com o andamento mais lento, mas em um certo momento percebi que talvez ela soasse bem como um Sertanejo. Também pensei em referências como as músicas de Joelma e de Duda Beat para o arranjo da performance ao vivo. A primeira estrofe da música é feita apenas com guitarra e voz; no pré-refrão, o baixo e a bateria aparecem fazendo um crescendo em direção ao refrão, em que o baixo, a bateria e a guitarra evidenciam a referência do Brega e do Sertanejo, e o teclado com timbre de *lead* faz um *riff* que se repete no decorrer da progressão harmônica - um ostinato. As *backing vocals* cantaram o refrão em uníssono e no interlúdio elas cantam a frase “*é melhor assim*” enquanto acontece o solo de guitarra composto por Thomás. Nesse momento do espetáculo, o público se levantou para dançar. Depois do último refrão, o *lead* faz a melodia cantada pelas *backing vocals*, e logo a música se conecta, então, com o início da próxima canção, por estarem na mesma tonalidade e terem o mesmo contexto na letra. A iluminação das duas músicas tem as cores roxo, rosa e laranja.

Cifras da música na página 104.

5.15 **BAGUNÇA**

Bagunça

2019

*ah! que confusão
bagunça nesse vão
entre você e eu*

*ah! será que não
será que vai dar certo
o lance entre você e eu*

*será que a gente pode esperar
o tempo e o vento levar
o aperto de tanto pensar*

*que eu tenho que ficar longe de você
que eu tenho que tentar esquecer você*

*e não, não quero isso não
não quero não te ver
não quero deixar de saber
como é que você tá*

*se eu quiser te abraçar
não quero evitar
e se eu quiser te beijar*

Bagunça também é uma canção sobre os sentimentos relacionados ao fim do meu primeiro relacionamento com uma mulher e faz parte do que chamo de *sufrências sapatônicas*. Quando escrevi a letra, sem perceber fiz um jogo com a palavra “não” que se repete algumas vezes na mesma frase. E assim como **Melhor assim**, **Bagunça** era pra ser um Pop com referências do RnB, mas um dia

experimentei tocar ela como eu toco “Meu jeito de amar”⁷⁸ da Duda Beat - , e gostei mais de como ela estava soando. No arranjo com Bandíssima, a primeira parte desta música também começa com guitarra e voz. Na repetição da primeira parte acontece a entrada dos outros instrumentos com bastante referência da Guitarrada⁷⁹no solo nos arpejos do refrão. No refrão, as *backing vocals* dividem as vozes, sendo que Angelis e Camila fazem as mesmas melodias de forma oitavada e o *lead* também faz um ostinato. A música acaba da mesma forma que começa: com um *riff* de notas decrescentes em grau conjunto.

Cifras da música na página 105.

⁷⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=rlz83S9Ofd4>

⁷⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=rw4JgLHjcJE>

5.16 FERVE

Ferve

2021

*o som que arranha da tua voz
senti na pele
no gosto da tua boca
senti que pede pra eu ficar mais um pouquim
depois voltar*

*depois voltar
e ficar pra dormir
e nem dormir
vou te confessar
já faz tempo que eu penso em ti
já faz tempo, eu tenho que falar*

*que quando me olha
eu sinto na pele
me queima toda
tudo me ardeu
ferve meu corpo inteiro no teu
ferve meu copro inteiro*

*quando tua voz me arranha
não tem mais roupa
o calor me venceu
tua boca queimou em mim
tua boca me ardeu*

Ferve é uma canção sobre o início de uma relação, naquele momento que a paixão pulsa bastante no peito e no corpo. Comecei a compor ela já pensando em um possível fonograma, e gostaria que o refrão fosse um Funk. Antes de pensar no

arranjo dessa música para performances ao vivo, tive a oportunidade de produzir e lançar o fonograma - em outubro de 2022 - em parceria com a Sigmund Records⁸⁰, selo de música do curso de Produção Fonográfica da Unisinos. A música foi produzida por Mariano Wortmann⁸¹ e Beili⁸², junto com os estudantes que faziam parte da equipe dessa produção em específico. Então o arranjo para o **show** foi baseado no fonograma. O início da música é também feito com guitarra e voz, e logo depois o resto da Bandíssima entra. A *backing vocals* aparecem fazendo contra cantos nos refrões e no vocalise do interlúdio, com divisão de vozes: Babi cantando a melodia principal, Camila cantando a voz mais aguda e Angelis, a mais grave. Esta música finaliza o último bloco sob a iluminação com as cores rosa e vermelho, para elucidar uma atmosfera de romance, paixão e desejo, mas a canção que finaliza o **show** foi **Seu jogo**, dessa vez com a bateria tocada por Guilherme.



Imagem 11 - Registro 6 do final do show com Bandíssima e as backing vocals (da esquerda para a direita: Guilherme, Kevin, Thomás, eu, Antonella, Angelis, Camila, Babi). Foto de Amanda Reis.

Cifras da música na página 106.

⁸⁰ <https://www.instagram.com/sigmundrecords/>

⁸¹ Mariano Wortmann é artista, produtor musical e técnico de som atuante em Porto Alegre.

⁸² Beili é cantora, compositora e produtora musical atuante em Porto Alegre.

6 JALILE TV

Sempre gostei muito de produzir vídeos - desde a roteirização até a edição - seja de temas pessoais, seja de temas profissionais, como a divulgação e os bastidores de um *show*. Com inspiração nos formatos de vídeos de entrevistas no *TikTok*, que são mais informais e divertidos, decidi incluir a produção da parte audiovisual no meu trabalho de conclusão de curso, o qual intitulei de **JALILE TV**, a partir de uma brincadeira, quando fiz o convite para que GARBI atuasse como entrevistadora. Escolhi a GARBI como uma das entrevistadoras porque ela já tem uma certa experiência com a criação de vídeos para o *TikTok*, assim como Leon, que percebo também como muito criativa. O intuito das entrevistas, por exemplo, consiste, principalmente, em ouvir e entender melhor as expectativas e perspectivas do público que estava no **show** e que costuma acompanhar meu trabalho. Para realizar as gravações, precisaríamos também de alguém responsável pela câmera, então decidi convidar Nycho para fazer essa função. As edições dos vídeos têm sido feitas por mim.

No desenvolvimento do roteiro das entrevistas, as perguntas que predominavam eram:

1. *Como foi a experiência de assistir a este show?*
2. *Você já assistiu a outros shows de Jalile antes deste?*
3. *Qual sua música favorita da artista?*

Para pessoas que participaram da produção do espetáculo ou para a orientadora deste trabalho, as perguntas eram:

1. *Como foi participar desse projeto? Em que aspectos você se identifica com o projeto?*
2. *Como foi o processo de ver esse projeto se desenvolver?*
3. *Você percebe diferenças entre a Jalile - enquanto artista - do início do curso e a Jalile agora?*

Em resposta às perguntas, para algumas pessoas - como Luciana Prass⁸³ e Luiza Hermes - **Espelho** é a música favorita. Para outras, **Demorei pra assumir** é a

⁸³ Luciana Prass é violonista, doutora em etnomusicologia e docente do curso de Música da UFRGS.

melhor. Felipe Castellani⁸⁴, professor do curso que estava lá como plateia, fez uma reflexão sobre o trabalho ter sido produzido em coletivo, e que o projeto fala de mim, mas também fala de muita gente. Para Angelis, sob a perspectiva de quem participou, **@eujalile - DIZ QUE ME VÊ** trouxe para ela o sentimento de pertencimento e identificação. Até o momento, foram postados sete vídeos do programa **JALILE TV** no meu perfil do *Instagram* - sendo quatro episódios de entrevistas com seis pessoas e três vídeos de bastidores do **show** - dois vídeos de “JALILE TV no camarim” e um vídeo chamado “JALILE TV - nos bastidores com as *backing vocals*”.

JALILE TV (entrevistas)

Episódio 1:

<https://www.instagram.com/reel/C04QZcZutBi/>

Episódio 2:

<https://www.instagram.com/reel/C1AgdVdOkUI/>

Episódio 3:

<https://www.instagram.com/reel/C1FBqELueak/>

Episódio 4:

<https://www.instagram.com/reel/C2NSRDEuNPP/>

JALILE TV (no camarim e bastidores)

no camarim - parte 1:

https://www.instagram.com/reel/C060RbTuxE_/

no camarim - parte 2:

<https://www.instagram.com/reel/C1C2ZSfOKhZ/>

nos bastidores com as *backing vocals*:

<https://www.instagram.com/reel/C1H5cPgOYOj/>

Pretendo postar as entrevistas em formato de documentário completo no meu canal⁸⁵ do Youtube até o final do mês de maio de 2024, com a estratégia de divulgação da documentação deste projeto. Acredito que foi muito importante fazer essas entrevistas, para que eu pudesse, enquanto artista, compreender a relação do

⁸⁴ Felipe Castellani é artista multimídia, pesquisador e docente do curso de Música da UFRGS.

⁸⁵ <https://www.youtube.com/user/Jalilep24>

público com o meu trabalho. Essa compreensão é necessária tanto para o fortalecimento da minha identidade artística, quanto para que eu possa desenvolver melhor as estratégias de projeção da minha arte.

7 **MESMO COM AS SUAS VENDAS SEI QUE IRIA ME VER**

Jalile: cantora, compositora, multi-instrumentista, estudante, musicista, mineira, porto alegreense, ex-crente, lésbica, gorda, forte, corajosa, vista. Em meio a todas as suas identidades, que se dizem e contradizem, se entrelaçam e atravessam, está sua música. Sua música persiste, ultrapassa qualquer circunstância e independe do tempo. Esse espetáculo existe, acima de tudo, como prova viva e manifestação concreta disso.

(Luiza Beber e Laura Caporal)

O desenvolvimento, produção, divulgação e apresentação do espetáculo **@eujalile - DIZ QUE ME VÊ** me colocou diante da possibilidade de unir investigação teórica e prática artística. No processo de criar e produzir esse **show**, as lentes das epistemologias feministas de Margareth Rago (1998) estão presentes tanto para motivar a materialização do trabalho, quando eu mesma me sinto desencorajada, quanto para embasar teoricamente a importância de sua elaboração. A visão musical que trago com este trabalho teórico e prático é que, além de incluir um corpo feminino gordo e lésbico em todas as etapas de criação, se possa subverter o poder e dominação hegemônicos presentes nas estruturas do meio musical.

Como aprendizado, tenho que é importante - a partir das vivências junto com o Sônicas - elaborar diários e registros dos processos criativos, percebendo as subjetividades e sensações que surgem durante o percurso. Penso ainda que é fundamental criar redes seguras e afetuosas de compartilhamento dos processos com outras pessoas em quem confio, principalmente com outras mulheres e pessoas dissidentes de gênero, pensando na ideia de discutir e encontrar formas de criar espaços impulsionadores dos nossos fazeres musicais.

Enfim, posso dizer ainda que, hoje, finalmente existo, me expresso e sou vista da forma que sempre desejei.

REFERÊNCIAS

BEBER, Luiza; CAPORAL, Laura. **Jalile: navegando entre ritmos e identidades**. Caderno 2, dia 8 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://medium.com/caderno-2/jalile-navegando-entre-ritmos-e-identidades-e2a37850e44b>. Acesso em: 28 de janeiro de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 001/99, de 22 de março de 1999. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual**. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em dia 28 de janeiro de 2024.

GREEN, Lucy. **Música, género y educación**. Ediciones Morata, 2001.

MENDES, Jalile Petzold. **“irá-som”**: experimentações sonoras em miniaturas. Salão de Iniciação Científica (33. : 2021 set. 27 - out. 1 : UFRGS, Porto Alegre, RS)

MENDES, Jalile Petzold. **Sônicas no Instagram: construção de identidade e discursos de mulheres compositoras de Porto Alegre em live-entrevistas**. Salão de Iniciação Científica (32. : 2020 set. 14-18 : UFRGS, Porto Alegre, RS)

NOGUEIRA, Isabel. **Cartas do Deserto: reflexões para uma pesquisa artística feminista e decolonial**. Trans : Transcultural Music Review = Revista Transcultural de Música, ISSN-e 1697-0101, Nº. 26, 2022. Disponível em: <https://www.sibetrans.com/trans/autor?autor=Isabel+Nogueira+%28Universidade+Federal+do+Rio+Grande+do+Sul%29> Acesso em dia 23 de fevereiro de 2024.

O BOI-DE-JANEIRO: O mais tradicional espetáculo folclórico da região. Portal de Notícias: Pedra Azul - MG, 2013. Disponível em: <https://pedraazul-mg.blogspot.com/2013/08/o-boi-de-janeiro-o-mais-tradicional.html>. Acesso em dia 28 de janeiro de 2024.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Org.). Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. Editora n-l edições, 2019.

SILVA, Leidiane Pereira da; MAGALHÃES, Ismael Nunes. **OLHANDO PARA POÉTICAS DO CORPO GORDO: gordofobia na dança**. v. 2 n. 4 (2021): REVISTA CIDADE NUVENS.

TEIXEIRA, Raquel da Silva; SOUSA, Brisa Pozzi de. **O USO DE FIGURAS DE LINGUAGEM DO DOMÍNIO DA LESBIANIDADE NO ACERVO FOTOGRÁFICO DO LESBIAN HERSTORY ARCHIVES: UMA PROPOSTA DE TAXONOMIA**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 01-21, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e72248>

APÊNDICE

1. *Setlists* e roteiros

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ *roteiro baixo*

bloco 1

1. tava na ponta da língua Gm
2. demorei pra assumir Fm
3. pra me trazer A
4. a gente já tentou Dm
entrada Nycho na bateria
5. seu jogo Gm

bloco 2

- sai todes - fica Jalile*
6. ansiosa (solo) A
 7. espelho C
 8. falta G#m
volta bandíssima
 9. atravessar o rio G#m
 - 10.pecado Dm
 - 11.trovão metal G#m

bloco 3

- 12.não dá pé Am
- 13.o que que eu faço com isso? Dm
- 14.melhor assim G#m
- 15.bagunça G#m
- 16.ferve G#m
17. seu jogo (bis) Gm

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

roteiro guitarra

bloco 1

1. tava na ponta Gm (*fica um tempo na base*)
2. demorei pra assumir Fm
3. pra me trazer A
4. a gente já tentou Dm (*voz+guita*) “*meu bem*”
entrada Nycho na bateria
5. seu jogo Gm

bloco 2

sai todes - fica Jalile

6. ansiosa (solo) A
7. espelho C (depois dessa, volta guita)
8. falta G#m
volta bandíssima
9. atravessar o rio G#m
10. pecado Dm
11. trovão metal G#m

bloco 3

12. não dá pé Am
13. o que que eu faço com isso? Dm (dedilha) “*achei que dessa vez seria só mais uma*”
14. melhor assim G#m “*hoje eu acordei com*”
15. bagunça G#m
16. ferve G#m
17. seu jogo (bis)

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

roteiro teclas

bloco 1

1. tava na ponta Gm (solo QND JALILE ENTRA)
2. demorei pra assumir Fm
3. pra me trazer A
4. a gente já tentou Dm (voz+guita) “meu bem”
entrada Nycho na bateria
5. seu jogo Gm

bloco 2

sai todes - fica Jalile

6. ansiosa (solo) A
7. espelho C (depois dessa, volta guita)
8. falta G#m
volta bandíssima
9. atravessar o rio G#m
- 10.pecado Dm
- 11.trovão metal G#m SOLO

bloco 3

- 12.não dá pé Am SOLO
- 13.o que que eu faço com isso? Dm APENAS SOLO
- 14.melhor assim G#m SOLO NO FINAL SÓ
- 15.bagunça G#m
- 16.ferve G#m
17. seu jogo (bis)

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

roteiro bateria

bloco 1

1. tava na ponta Gm (*dar entrada*)
2. demorei pra assumir Fm
3. pra me trazer A
4. a gente já tentou Dm (*voz+guita*)
entrada Nycho na bateria
5. seu jogo Gm

bloco 2

sai todes - fica Jalile

6. ansiosa (solo) A
7. espelho C (depois dessa, volta guita)
8. falta G#m
volta bandíssima
9. atravessar o rio G#m
- 10.pecado Dm
- 11.trovão metal G#m SOLO

bloco 3

- 12.não dá pé Am SOLO
- 13.o que que eu faço com isso? Dm
- 14.melhor assim G#m SOLO NO FINAL SÓ
- 15.bagunça G#m
- 16.ferve G#m
17. seu jogo (bis)

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

roteiro participações

bloco 1

1. tava na ponta
2. demorei pra assumir
SAÍDA BACKIN
3. pra me trazer
4. a gente já tentou | **ENTRADA NYCHO+BACKIN**
5. seu jogo

bloco 2

- sai todes - fica Jalile*
6. ansiosa | **ENTRADA KARINE, DY, LUIZA**
 7. espelho | **ENTRADA THOMÁS**
 8. falta
volta bandíssima
 9. atravessar o rio
 10. pecado
 11. trovão metal

bloco 3

12. não dá pé
13. o que que eu faço com isso?
ENTRADA BACKIN
14. melhor assim
15. bagunça
16. ferve
17. seu jogo (bis)

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

roteiro bv Camila e Babi

bloco 1

1. tava na ponta

refrão 1

FUGIU 4X

TAVA NA PONTA DA LÍNGUA

refrão 2

FUGIU 4X

(não faz tava na ponta)

PARA PAPARA PÁ 3x ou mais

2. demorei pra assumir

parte a1

O QUE SE PASSA AÍ

parte a2

O QUE SE PASSA AÍ EU NÃO SEI

pré refrão

NÃO QUERO MAIS TE VER

refrão 1

SONHEI

refrão 2

SONHEI

DESSA FALTA, DESSA FALTA TUA

depois só cantar os refrões completos

SAÍDA BACKIN

ENTRADA NYCHO + BACKIN

5. seu jogo

pré refrão

VOCÊ ME PEDE PRA FICAR

QUANDO TÁ CARENTE

MAS FINGE QUE NÃO SENTE

VOCÊ ME PEDE PRA FICAR

refrão 1 não canta

refrão 2 completo

repete tudo igual

TRÊS REFRÕES FINAIS COMPLETO

bloco 2

sai todes - fica Jalile

ENTRADA BACKIN

14. melhor assim

meio refrão 2x uníssono

**É MELHOR ASSIM,
VOCÊ DAÍ E EU DAQUI
É MELHOR ASSIM
MELHOR A GENTE SEGUIR**

interlúdio

**É, É, É MELHOR ASSIM
É, É, É MELHOR ASSIM
É, É, É MELHOR ASSIM
É MELHOR ASSIM (babi junto jali)**

meio refrão 2x uníssono

15. bagunça - só camila e angelis

SEGUNDO refrão oitavando angelis

**NÃO, NÃO QUERO ISSO, NÃO
NÃO QUERO NÃO TE VER**

não quero deixar de saber como é que você tá

**SE EU QUISER TE ABRAÇAR
NÃO QUERO EVITAR
SE EU QUISER TE BEIJAR**

2 REFRÕES FINAL

16. ferve G#m

refrão2

**TUDO ME ARDEU
MEU CORPO INTEIRO O O
TUA BOCA ME ARDE E E EU**

INTERLÚDIO

2 REFRÕES FINAL

**MEU CORPO INTEIRO
MEU CORPO INTEIRO NO TEU
MEU CORPO INTEIRO
MEU CORPO INTEIRO NO TEU
MEU CORPO INTEIRO
MEU CORPO INTEIRO NO TEU
MEU CORPO INTEIRO**

17. seu jogo (bis)

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

roteiro bv Camila e Babi

bloco 1

3. tava na ponta

refrão 1

FUGIU, TAVA NA PONTA DA LÍNGUA E FUGIU 4X

TAVA NA PONTA DA LÍNGUA

refrão 2

FUGIU 4X

(não faz tava na ponta)

PARA PAPARA PÁ 3x ou mais

4. demorei pra assumir

parte a1

O QUE SE PASSA AÍ

parte a2

O QUE SE PASSA AÍ EU NÃO SEI

pré refrão

NÃO QUERO MAIS TE VER

refrão 1

SONHEI

refrão 2

SONHEI

DESSA FALTA, DESSA FALTA TUA

depois só cantar os refrões completos

SAÍDA BACKIN

ENTRADA NYCHO + BACKIN

5. seu jogo

pré refrão

refrão 1 não canta

refrão 2 completo

segunda parte do pré refrão

MAS NA FRENTE DOS SEUS AMIGOS

PARECE QUE EU NÃO EXISTO O

TRÊS REFRÕES FINAIS COMPLETO

bloco 2

sai todes - fica Jalile

ENTRADA BACKIN

14. melhor assim

meio refrão 2x uníssono

**É MELHOR ASSIM,
VOCÊ DAÍ E EU DAQUI
É MELHOR ASSIM
MELHOR A GENTE SEGUIR**

interlúdio

**É, É, É MELHOR ASSIM
É, É, É MELHOR ASSIM
É, É, É MELHOR ASSIM
É MELHOR ASSIM**

meio refrão 2x uníssono

15. bagunça - só camila e angelis

SEGUNDO refrão oitavando camila

**NÃO, NÃO QUERO ISSO, NÃO
NÃO QUERO NÃO TE VER
NÃO QUERO DEIXAR DE SABER
COMO É QUE VOCÊ TÁ
SE EU QUISE TE ABRAÇAR
NÃO QUERO EVITAR
SE EU QUISE TE BEIJAR**

2 REFRÕES FINAL

16. ferve

refrão2

**TUDO ME ARDEU
MEU CORPO INTEIRO O O
TUA BOCA ME ARDE E E EU**

INTERLÚDIO

2 REFRÕES FINAL

**MEU CORPO INTEIRO
MEU CORPO INTEIRO NO TEU 2X**

**MEU CORPO INTEIRO
MEU CORPO INTEIRO NO TEU
MEU CORPO INTEIRO**

17. seu jogo (bis)

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ

iluminação

bloco 1

- 1. tava na ponta da língua**
laranja, amarelo forrozinho vibes
- 2. demorei pra assumir**
azul, roxo, rosa - lovesong (músicas 2, 3 e 4)
- 3. pra me trazer (sem backing)**
- 4. a gente já tentou (sem backing)**
- 5. seu jogo**
azul, roxo, rosa, vermelho - love song + festinha vibes

bloco 2

- 6. ansiosa (solo)**
iluminação quente, mas sem luzes coloridas - foco de luz Jalile - introspec
- 7. espelho (voz, teclado e guitarra)**
tons de azul - introspec
- 8. falta (voz e guita)**
rosa, roxo - introspec
- 9. atravessar o rio (todos sem backing)**
azul - emo vibes
- 10.pecado**
laranja, vermelho
- 11.trovão metal**
amarelo, laranja, vermelho - axezinho vibes

bloco 3

- 12.não dá pé**
azul mais clarinho, amarelo, laranja - love song axezinho
- 13.o que que eu faço com isso?**
rosa, azul - lovesong funk dançante
- 14.melhor assim volta backing**
roxo, rosa, laranja - lovesong dançante (músicas 13 e 14)
- 15.bagunça**
- 16.ferve**
rosa, vermelho - lovesong funk dançante
- 17. seu jogo (bis)**
azul, roxo, rosa, vermelho - love song + festinha vibes

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ
produção

equipe:

Jalile, Luiza, Adê, Camila

DEMANDAS

- verificar a realização das atividades conforme cronograma
- preparação do palco
- locomoção dos equipamentos e materiais
- preparar e comprar comidas e bebidas
- imprimir cronogramas, setlist, roteiros e cartaz

CRONOGRAMA

13h45 - buscar os equipos

- 1. NO KEVIN**
- 2. NA SURDINA**

14h20 - descarregar equipos na Qorpo Santo

13h30 - montagem de palco luz

14h45 - montagem de palco som

16h - 18h - passagem de som

18h - 19h15 - maquiagem

18h40- 19h50 - gravação das mídias

19h50 - início do show

ver se tá rolando registro do show com galera das mídias

21h - desmontagem de palco - organização do espaço

21h - gravação de mídias

2. Cronograma - ordem do dia

@eujalile - DIZ QUE ME VÊ ORDEM DO DIA		
13h30 - 14h45	MONTAGEM DE PALCO - ILUMINAÇÃO - CENOGRAFIA	Equipe de produção + Thais
14h45 - 16h	MONTAGEM DE SOM	Equipe de produção + Técnica de som
16h - 18h	PASSAGEM DE SOM	Equipe de produção + Técnica de som + Thais + Bandíssima & Backing Vocals
18h - 19h15	MAQUIAGEM	Bandíssima & Backing Vocals + Tiffany Piazza
19h - 19h50	GRAVAÇÃO MÍDIAS - ENTREVISTAS	Equipe vídeo + Bandíssima & Bcking Vocals + Equipe de produção
19h50	INÍCIO DO SHOW	
21h	FIM DO SHOW - GRAVAÇÃO MÍDIAS - ENTREVISTAS	Equipe vídeo
21h	DESMONTAGEM DE PALCO	Técnica de som + Bandíssima + Thais
22h	ENTREGA DA SALA	

3. Cifras das músicas do show

tava na ponta da língua

jalile

Gm7 C7(9) Gm7

vazio tão cheio de nada

C7(9) Gm7

sons de uma boca calada

C7(9) Gm7

minha cabeça trovoa

C7(9) Gm7

silêncios e voz entalada

C7(9) Gm7

eu procurei por palavras

C7(9) Gm7

bem fundo e não achei nada

C7(9) Gm7

no meu baú tem uma folha

em branco amassada

C7

fugiu, tava na ponta da língua

Gm7

e fugiu

C7

fugiu, tava na ponta da língua

Gm7

e fugiu

C7

Gm7

fugiu, tava na ponta da língua

demorei pra assumir

jalile

[parte a]

Fm7(9) Ab7M

demorei pra assumir

Db7M

que eu sinto tua falta

Fm7(9) Ab7M

não sei o que se passa ai

Db7M

o que se passar aí?

eu não sei (2x)

[pré-refrão]

Bbm7

não queria fazer

Db7M

mais uma música pra você

mas eu fiz

Fm7(9)

não queria assumir que sim

Ab7M

sinto tua falta mas digo não

Db7M

não quero mais te ver

[refrão]

Fm7(9) Ab7M

dormi pensando que ia esquecer

Db7M

sonhei a madrugada inteira

Fm7(9) Ab7M

acordei com a cabeça cheia

Db7M

dessa falta, dessa falta tua

Fm7(9) Ab7M

dormi pensando que ia esquecer

Db7M

sonhei a madrugada inteira

Fm7(9) Ab7M

acordei com a cabeça cheia

Db7M

dessa falta, dessa falta tua

pra me trazer

jalile

[parte a]

A7M G#m7
não demorou preu te amar
A7M G#m7
e te guardar dentro de mim
A7M E/G# F#m7
mas caminhei meses e meses
A7M
pra não lembrar
C#m7 C#7(9)
mais de você

[parte b / refrão]

A7M G#m7
até lancei paixão bem longe
F#m7 C#m7
de teixei lá pra esquecer
A7M
pra não lembrar mais do
G#m7
do seu rosto
F#m7 C#m7
te deixei lá pra me trazer
C#7(9)

[ponte]

C#m7
eu quis cortar todos os
G#m7
laços
A7M G#m7
quis apagar todos os traços
E7M
que eu desenhei
C#m7
quis desandar todos os
G#m7
passos
A7M G#m7
desabraçar os seus abraços
C#m7 C#7(9)
do corpo meu

a gente já tentou

jalile

[parte a]

Dm7 **Am7**
meu bem, te peço perdão
 F **F7M**
por não atender sua ligação
 Dm7 **Am7**
meu bem, hoje eu quis ficar
 F **F7M**
sozinha no meu canto

[ponte - pré-refrão]

Gm7
ouvindo a razão falar
 Am7 **E°**
ouvindo a razão cantar, então

[refrão]

Dm7
ei, amor! será que a gente ainda
dá certo
Gm7
amor, todo dia uma briga
 E°
diferente
eu não entendo
 A7
diz aí se você entende

Dm7
ei, amor! te amo tanto
Gm7
mas a gente já tentou
a gente já tentou
E° **A7**
1, 2, 3 vezes, 4, 5, 6 vezes

seu jogo

jalile

[parte a]

Gm7

você não me engana

C9

tá na sua cara

F7M

eu sei que me quer

F7M

eu sei que me quer

[parte a2]

Gm7

nega que me ama

C9

mas sempre faz manha

F7M

quando eu tô na sua cama

F7M

e tenho que ir embora

[pré-refrão]

Gm7

Bb7M

você me pede pra ficar

Dm7

quando tá carente

C9

Gm7

mas finge que não sente

Gm7

Bb7M

você me pede pra ficar

Dm7

mas na frente dos seus amigos

C

Gm7

parece que eu não existo

Gm7

eu

[refrão]

Bb7M

caio nessa de novo

finjo que não ligo

Dm7

jogo o seu jogo

C9

Gm7

escondido

Bb7M

só pra ficar contigo

Bb7M

não sei porque

faço isso comigo

Dm7

jogo o seu jogo

C9

Gm7

de iludido

Bb7M

só pra ficar contigo

ansiosa

jalile

[parte a]

A7M

o pó

D7M

escorre na ampulheta

A7M

e a hora

D7M

desce a ladeira

A7M D7M

na velocidade da luz

[parte b]

A7M

sou pólen

D7M

que o beija-flor

A7M

levou da flor

D7M

pra longe, pra outra flor

[refrão]

e agora

A7M/E F#m7

tão distante

B7 C#7

aflita, espero o beijo

D7M A7M

pra voltar pra casa

D7M A7M

onde o dia passa devagar

D7M

o tempo para

A7M/E F#m7

e eu posso descansar

B7 C#7 D7M

me deito e me deleito na calma

espelho

jalile

[parte a]

C7M

o que conta o seu espelho,

F9

o que diz seus olhos, o que você
vê?

C7M

reflexo de tantas memórias,

F9

de muitas histórias e lugares que
já foi

[pré-refrão]

Am7

G

você gosta do que enxerga,

F

da vida que leva, e do que te
cerca,

Am7

G

do caminho e das escolhas

F

que fez?

Am7

G

e o fardo que você carrega

F

são as coisas boas que escondeu

Am7

G

e esqueceu de mostrar

F

e esqueceu que tinha

[refrão]

Am7

espelho, espelho meu

G

quem sou eu?

F

pra que vim e como vou?

Am7

me mostra o que é meu

G

e o bom de ser eu,

F

reverte as distorções

falta

jalile

[intro - ponte]

Am7 Am/G
eu me trago de novo
Am7 B°
eu me trago de volta
Am7 Am/G
eu me trago de novo
Am7 B°
eu me trago de volta

[parte a]

Am7 Am7/G
olhei no espelho e logo vi
Am7 Am/G7
a falta estampada em mim
F7M
pintada em mim, faltava em
Em7
mim

[parte b]

Am7 Am/G
olhei no espelho e logo vi
Am7 Am/G
essa saudade me invadir
F7M
saudade em mim, estampada em
Em7
mim

[ponte]

Am7 Am/G
eu me trago de novo
Am7 B°
eu me trago de volta
(2x)

[refrão]

Am7 Am/G
que saudade dos olhos que fechei
Am7 Am/G
e de cada canção que eu não
cantei
F7M Em7
que saudade do amor que
escondi
F7M B°
e de cada beleza que eu não
notei

Am7 Am/G
que falta me faz o papel que
rasguei
Am7 G7
e cada poesia que eu apaguei
F7M Em7
que falta me faz a voz
F7M B°
que com medo de ouvir
Am7 Am7/G
eu calei
Am7 Am7/G
eu calei
F7M Em7
que falta me faz a voz
F7M B°
que com medo de ouvir
Am7
eu calei

atravessar o rio

jalile

[parte a]

G#m7

o medo tão frio

G#m7

de pisar nesse chão

C#m7

com os pés descalços

E7M

caminhar na escuridão

G#m7

e atravessar o rio

[parte b]

G#m7

acreditar ou não

G#m7

em quem diz que dá pé

C#m7

botar a mão no fogo

E7M

e assumir o risco

G#m7

de não voltar atrás

[refrão]

G#m7

a casa desabou

C#m7

e o silêncio é ensurdecidor

E7M

eu corro para o nada

G#m7

e atravesso o rio

G#m7

rindo do pavor

C#m7

como se ele não fosse capaz

E7M

de tomar o que sobrou de ar

C#m7

de tomar o que sobrou

pecado

jalile

[parte a]

Dm7

ouvi dizer que o meu amor é

E/G#

pecado

Dm7

pra você

E/G#

me diz o que tem de errado

Gm7

Am7

em amar outra mulher

Gm7

A7

afeto como outro qualquer

[parte b]

Dm7

cuspiu, com nojo daquilo que

E/G#

viu

Dm7

A/C#

me diz, me fala o que foi

C7(9)

que eu fiz

Gm7

era só minha mão na mão de

Am7

outra moça

Gm7

A7

na chuva, saltando as poças

[parte a]

[parte b]

[refrão]

Dm7

Gm7

e só, mas nem se eu tivesse com
a boca

A7

colada na boca da outra

Dm7

o que tem de pecado em amar?

A/C# C Bb

Gm7

e só, mas nem se eu tivesse com
a boca

A7

colada na boca da outra

Dm7

o que tem de pecado em amar?

A/C# | C Bb | A A/C#

Dm7 A/C# | C Bb | A A/C#

trovão metal

antonella pons

[parte a]

Am C E7 D
Trovão, metal, não sei do que sou
feita

Am C E7 D
Mas posso ouvir minha voz

Am C E7 D
Se fosse água te arrastaria

F7M Am A7
Eu posso ouvir minha voz

Dm7 E7 F7M
Será que hoje é o dia?

[refrão]

Am C E7
Se meu corpo fosse metal

D
Teu ódio refletiria

Am C E7
Se te faz bem um pedestal

D C
A queda é mais doída

C F
Porque ser odiada

Am
Não mais me amedronta

C E7 D
As ordens dominicais te devolvo
com afronta

Am C F7M
Atraio trovões e raios e despejo

Am A7
na tua conta

Dm7 E7 F7M
Será que hoje é o dia?

não dá pé

jalile

[parte a]

Am7

me joguei em você

Am7

mas não dá pé

Dm7

eu boto fé

C7M

mas não sei até

F7M

onde eu posso ir

F7M F7M(#11)

ou se dou ré

[parte b]

Am7

te chamei pra vir

Am7

mas não sei se ouviu

Dm7

ou se ouviu demais

C7M

e só fingiu

F7M

me diz o que quer de mim

F7M

me diz se quer de mim

Bm7(-5)

só me diz

[refrão]

Dm7

se eu posso te ligar

C7M

como eu tô pra fazer

Bm7(-5)

sem medo de pisar em falso

Bm7(-5) F7M

medo de querer

Dm7

se eu posso querer

C7M

e querer te contar

Bm7(-5)

sem medo de pisar em falso

Bm7(-5) F7M

**o que que eu faço com
isso?**

jalile

[parte a]

Dm7

achei que dessa vez

Gm7

seria só mais uma

Bb7M

quando eu me vi

tava derretida na sua

Dm7

eu fiz de tudo

Gm7

como sempre

pra não me envolver

Bb7M

mas é difícil demais

A7

fingir que o meu corpo não
queima

[parte b]

Am7

te chamei pra vir

Am7

mas não sei se ouviu

Dm7

ou se ouviu demais

C7M

e só fingiu

F7M

me diz o que quer de mim

F7M

me diz se quer de mim

[refrão]

Dm7

quando você

me manda áudio

e diz que me quer

Gm7

que quer me ter

e tudo o que que não botava fé

Bb7M

perco a banca

se tu fala no pé do meu ouvido

Bb7M

me desmonta

A7

e agora, o que que eu faço com
isso?

melhor assim

jalile

[parte a]

G#m7

hoje eu acordei com um beijo seu

F#9

hoje eu acordei com um beijo seu

E7M

quando procurei você não tava ali

D#7

e vi que não passava de um sonho meu

[parte b]

G#m7

vi que não passava de um sonho meu

F#9

fui até a sala só pra conferir

E7M

quando procurei você não tava ali

D#7

eu vi que não passava de um sonho meu

[refrão]

G#m7

mas é melhor assim,

F#9

você daí e eu daqui

é melhor assim,

E7M

melhor a gente seguir

foi bom enquanto durou,

D#7

foi lindo nosso amor, mas é melhor assim

[ponte]

G#m7

a gente chorou, cansou

de tanto insistir

F#9

e o que doeu eu já esqueci

E7M

mas o amor eu guardei

D#7

e agora eu só quero o melhor pra nós

[refrão]

bagunça

jalile

[parte a]

G#m7 D#7

ah! que confusão,

E7M

bagunça nesse vão

C#7

entre você e eu

G#m7 D#7

ah! será que não

E7M

será que vai dar certo o

C#7

lance entre você e eu

[pré-refrão]

G#m7

será que a gente pode

D#7 E7M

esperar o tempo?

C#7

e o vento levar

G#m7 D#7

o aperto de tanto pensar

E7M

que eu tenho que ficar

C#7

longe de você

E7M

que eu tenho que tentar

C#7

esquecer você

[refrão]

G#m7 D#7

e não, não quero isso, não

E7M

não quero não te ver

C#7

não quero deixar de saber

G#m7

como é que você tá

D#7

e se eu quiser te abraçar

E7M

não quero evitar

C#7

e se eu quiser tebeijar

ferve

jalile

[parte a]

G#m7

o som que arranha da tua voz

B7+

senti na pele, no gosto da

C#m7

tua boca, senti que pede

preu ficar mais um pouquim

A#m7(5b)

depois voltar

[pré-refrão]

G#m7

depois voltar e ficar pra

dormir

B7+

e nem dormir, vou te

C#m7

confessar: já faz tempo

que eu penso em ti

A#m7(5b)

já faz tempo

A#° (G°)

eu tenho que falar

[refrão]

G#m7

quando me olha, eu sinto na pele

B7+

me queima toda, tudo me ardeu

E7+

ferve meu corpo inteiro no teu

E6

ferve meu corpo inteiro

G#m7

quando tua voz me arranha

B7+

não tem mais roupa, o calor me

venceu

E7+

tua boca queimou em mim

E6

tua boca me ardeu